



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

“Por uma escola dos sonhos”
Projeto experimental em Audiovisual

Ana Carolina Resende Leite
Orientador: Fernando Oliveira Paulino

Brasília, 2015

ANA CAROLINA RESENDE LEITE

Por uma escola dos sonhos
Projeto experimental em Audiovisual

Memória do projeto experimental apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de bacharel em Comunicação social, com habilitação em Audiovisual, sob orientação do professor doutor Fernando Oliveira Paulino.

Brasília, 2015

RESUMO

Por uma escola dos sonhos é um documentário curta metragem que se dispõe a discutir os entraves da educação convencional e as possibilidades de uma educação alternativa, inovadora e libertária. Professoras e professores da rede de ensino básico sonham com uma escola ideal, nos contam como ela seria. A partir da experiência desses professores é possível conhecer um pouco de seu cotidiano em sala que tentam de alguma forma resistir e tornar o educar mais significativo aos seus estudantes. Cada um faz a sua maneira, mas o importante é perceber que há professores que buscam desviar e resistir ao sistema hegemônico escolar.

Palavras chave: Educação em Brasília, Documentário, experiências inovadoras na educação, Vivendo e Aprendendo, Escola da Ponte.

1. Introdução	4
1.1 Objetivos	7
Objetivo Geral	7
Objetivos Específicos.....	7
1.2 Justificativa	8
2. Referencial Teórico	11
2.1 Por uma educação mais libertadora.....	11
2.2 Documentário	18
3. Metodologia	23
3.1 Pré-Produção.....	23
3.2 Produção.....	27
3.3 Pós- Produção.....	30
Funções.....	33
4. Conclusões	37
5. Referências	39
5.1 Bibliográficas.....	39
5.2 Filmográficas	40
5.3 Website.....	41
6. Anexos e Apêndices	42
Sinopse.....	42
Argumento.....	42
Cronograma	42
Equipe.....	43
Entrevistados	43
Questões Norteadoras para as entrevistas.....	43
Escaleta	44
Roteiro de Intenções Original	45
Transcrições	47

1. Introdução

Esse documentário aborda e discute as possíveis práticas libertadoras de educação existentes em Brasília. Compreendendo como modelos alternativos e práticas libertadoras as iniciativas que se baseiam em uma pedagogia que propõe “uma educação comprometida com a capacidade do ser humano em aprender por si só(...) não estando empenhada a ensinar a decorar matérias de um currículo que se dá como completo e único.” (GALLO, 1995, P.36)

De acordo com José Pacheco (2014), a escola deve ser um espaço onde o saber popular e o erudito tem importância similar, onde um complementa o outro. O autor acredita que a escola pode ser um espaço acessível a qualquer momento desde que o indivíduo almeje frequentar o local por vontade própria e não forçadamente. O que nos faz lembrar do pensamento de Godwin (1756-1836) que já defendia o aprendizado a partir da vontade do educando no século XVIII.

O documentário em questão busca encontrar iniciativas, escolas e educadores, que se propõem de alguma forma a apresentar alternativas ao sistema convencional de ensino no qual, na maior parte do tempo, o professor costuma ser compreendido como detentor do conhecimento e o aluno como receptor passivo.

O filme coloca em discussão o modelo educacional atual e seus entraves de uma forma mais sensível, por meio do olhar de alunos e professores. Por isso, de início foram entrevistados alunos de instituições públicas de Brasília como a Escola Classe Jardim Botânico e Escola Classe 115 Norte. Além desses personagens, especialistas da área dão explicações sobre conceitos importantes visando facilitar o entendimento sobre a problemática abordada pelo filme.

E por fim, professores que buscam uma prática diferenciada em sala de aula expõem suas visões, ideologias, vontades e dificuldades. Junto ao seu depoimento, a rotina em sala, com estudantes e atividades, servem de ilustração às palavras desses educadores.

Trazer a perspectiva de professores que entendem a necessidade de mudança é de suma importância para que estes sejam ouvidos e lembrados, sabendo que há uma resistência em relação ao modo convencional de se ensinar por parte de alguns educadores. A partir da minha pesquisa entrevistando professores da Educação e Psicologia da Universidade de Brasília, como Simone Lima, Fátima Vidal e Claudia Dansa, pude constatar que apesar deste

método convencional estar presente na maioria das escolas, alguns docentes se mostram incomodados e enfrentam diariamente, muitas vezes sozinhos, os paradigmas existentes.

Rubem Alves (2001) ilustra bem essa necessidade de mudança da postura do professor em sala, entendendo que o docente como detentor de todo o conhecimento e o aluno passivo já não funcionam mais no século XXI onde a informação está em todo lugar. É preciso criar nas crianças a vontade de conhecer, o gosto pela pesquisa e uma alegria ao frequentar a escola, local no qual podem se aperfeiçoar cada vez mais.

“Eu estou pensando, há muito tempo, em propor o novo tipo de professor. É um professor que não ensina nada. Não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade. Para mim, esse é o objetivo da educação: criar a alegria de pensar”.(ALVES, 2001)

O filme pretende dar visibilidade a alternativas educacionais baseando-se em depoimentos de professores especializados na área de educação, explicando a necessidade de alternativas e a existência de modelos diferenciados com resultados positivos no mundo.

Helena Singer, assessora do Ministro da Educação, fala em sua entrevista para o nosso documentário em Brasília, outubro de 2015, que uma forma de enfrentar o desafio cultural de como a escola se formou e como ela se mantém, é mostrando que outra forma é possível, e que estes outros modelos trazem resultados positivos. Por isso a iniciativa do MEC com o Grupo de Trabalho de Inovação e Criatividade na Educação Básica¹ busca mapear iniciativas inovadoras pelo Brasil para divulgar e incentivar cada vez mais inovações na área.

Além disso, o documentário procura entender porque a escola de hoje ainda não coloca o aluno como ser ativo e autônomo de seu próprio processo de ensino e aprendizagem a partir de uma prática pedagógica libertadora. A discussão e insatisfação existem desde séculos atrás. Podemos constatar isso com críticas de pensadores do século XVIII, como Godwin (1756-1836) que defendia uma educação mais livre, sendo o precursor da *pedagogia libertária* e, no século XIX, o movimento da *Escola Nova* também tem grande contribuição na crítica ao modelo tradicional e na busca de um aluno mais ativo em seu processo de aprendizagem.

¹ Disponível em <http://simec.mec.gov.br/educriativa/> Acesso em 01/11/2015

1.1 Objetivos

Objetivo Geral

- Criar um documentário de curta metragem com duração de aproximadamente de 25 minutos sobre a necessidade e as possibilidades de uma mudança no modelo convencional educacional e conhecer alguns educadores que buscam em sua prática diária proporcionar aos seus alunos um ensino mais significativo em Brasília.

Objetivos Específicos

- Expor os entraves do modelo educacional atual do País por meio do olhar do aluno, de especialistas e de professores do ensino básico e propor soluções a partir de uma mudança de paradigmas.
- Caracterizar o sistema tradicional de Educação por meio da visão dos alunos e professores.
- Sistematizar e apresentar modelos e práticas pedagógicas alternativas e potencialmente libertadoras tais como: Vivendo e Aprendendo e projetos e iniciativas diferenciadas realizadas por professores da rede pública.

1.2 Justificativa

Os meus antecedentes explicam um pouco a escolha da temática. Sou formada em Pedagogia pela UnB. Nesta segunda graduação, Comunicação Social, habilitação em Audiovisual, optei por fazer um produto no qual posso explorar os conhecimentos obtidos anteriormente e me aprofundar ainda mais na temática que me interessa. Além disso, acredito que a discussão sobre uma nova forma de ensino alternativa e libertadora é extremamente necessária para que haja uma mobilização e uma luta por uma real mudança na Educação.

Críticas e descontentamentos com o modelo hegemônico escolar que nos é oferecido existem há um tempo. Diversos autores apontam as falhas desse sistema que serve, muitas vezes, para perpetuar desigualdades, muitos sugerem alternativas, alguns falam até sobre a *desescolarização*². Mas o intrigante é como ainda existem tantas instituições com um modelo educacional similar ao de dois séculos atrás, mesmo com a ineficácia comprovada de certos métodos, o alto índice de evasão e desinteresse dos alunos, a escola continua da mesma forma segundo José Pacheco (2004).

A partir dessa inquietação comecei a pensar sobre os motivos e os obstáculos que existem para essa mudança, não conseguindo responder sozinha a esta questão, decidi então fazer uma pesquisa que serviu de base para o documentário. A partir disso, eu busquei saber qual seria a “escola dos sonhos” dos professores, alunos e especialistas da área e por que ainda estudamos em um modelo educacional considerado retrógrado por autores como José Pacheco (2014) e Paulo Freire (1996).

José Pacheco (2014) faz duras críticas ao modelo convencional escolar hegemônico, critica a forma como continuam insistindo em um padrão que se mostra ineficaz.

Os nossos governantes lamentam que, ao final do Ensino Médio, apenas 29,2% dos alunos apresentem conhecimento adequado ou avançado em Português e 10,3% em Matemática; ou que, no 9º ano, 27% estejam com nível adequado e avançado em Português e 17% apresentem esse resultado em Matemática, mas cometem o despudor de ressuscitar medidas que, no passado, deram origem a esse descabro. São medidas de retrocesso, que perenizam o velho paradigma escolar, reproduzidor de oprimidos e opressores, que o malgrado secretário de Educação Paulo Freire tanto denunciou. Medidas de manutenção do desperdício de dinheiro e de gente, que servirão para perpetuar o analfabetismo, numa escola que já produziu mais de 30 milhões de analfabetos.” (PACHECO, 2014, p.50)

² Movimento que defende a desobrigação da educação e valoriza oportunidades educacionais que ocorrem fora da escola, em casa, na comunidade, etc. O termo foi criado em 1970 por Ivan Illich em seu livro *Sociedade sem escolas*.

A partir desse trecho, infere-se que a educação precisa de uma mudança urgente e por meio de alternativas que funcionam essa discussão pode ter mais vigor e se tornar ações por parte de interessados como educadores, pais, estudantes, especialistas e políticos.

Os agentes envolvidos na educação precisam problematizar esse padrão, buscar compreender como melhorar o modelo atual de ensino, para poder caminhar para uma escola que consiga realizar algo que é importante, como a construção e significação deste conhecimento pelos seus estudantes.

A escola deve levar em consideração o sentido que as crianças internalizam ao entrar em contato com aquele conteúdo, se elas entendem realmente o que aquilo significa. Deve empenhar-se em trazer esse conhecimento de uma forma mais verdadeira, conjunta e próxima a sua realidade, evitando um olhar distante, separado e específico. O conhecimento faz parte do mundo, está interligado e não desconectado do todo. A experiência do físico Richard Feynman (1918-1988), ganhador do prêmio Nobel em 1965, ilustra este problema do ensino desconexo entre teoria e prática, onde o aluno decora a matéria, mas não consegue entender o seu real significado.

A respeito da educação no Brasil, eu tive uma experiência muito interessante(...) Após muita investigação, eu finalmente entendi que os alunos haviam memorizado tudo, mas eles não sabiam o que nada significava. Quando eles ouviam “a luz que é refletida por um meio com índice”, eles não sabiam que isso significa um material como a água. Eles não sabiam que “a direção da luz” é a direção na qual você vê alguma coisa quando você está olhando diretamente para ela, e assim por diante. Tudo era completamente memorizado, mas nada era traduzido em palavras com real significado. (...) não conseguia enxergar como qualquer um poderia ser educado por esse sistema de auto-afirmação no qual as pessoas passam nas provas, e ensinam as outras a passarem nas provas, mas ninguém entende nada. (FEYNMAN, 1997, p.80/141)

De acordo com Freire (1996), a escola deve mediar e instigar no aluno a busca pelo conhecimento, apesar de se insistir na ideia do ensinar – ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua produção ou a sua construção.

Por isso, justifico a necessidade de se fazer um documentário no qual colocamos os apontamentos das crianças, especialistas e dos professores em relação ao sistema atual educacional e a necessidade de atendê-los, proporcionando a eles uma escola onde se sintam livres para aprender, e não confinados, como em uma prisão, como muitas vezes é vista.

O documentário proporciona um debate sobre a questão trazendo argumentos favoráveis à mudança de paradigma, revelando as dificuldades encontrados neste modo atual escolar e os valores de uma educação mais integral que leva em consideração a autonomia de educadores e educandos. Há uma necessidade latente de transformação no ensino, e para isso,

nada mais importante do que discutir e mostrar que há professores modificando seu cotidiano. Isso pode motivar mais pessoas que estão descontentes e gerar uma revolução na Educação, como mencionado pela Professora Claudia Dansa em uma de nossas conversas durante a pesquisa prévia.

2. Referencial Teórico

2.1 Por uma educação mais libertadora

Críticas em relação à educação escolar já existem há anos, Rousseau em sua obra *Emílio* em 1762 já propunha mudanças que serviram de base para pedagogos do século XIX e XX. Nos dois últimos séculos, alguns autores já começaram a escrever e trazer algumas alternativas ao modelo de sua época que ainda é visto atualmente.

John Dewey, em sua obra *A escola e a sociedade*, 1889, defendia a liberdade do pensamento e a democracia como forma de maturação emocional e intelectual da criança. Para Westbrook (2010, p.24), “Dewey afirmava que quando a criança entende a razão pela qual tem de adquirir um conhecimento, terá grande interesse em adquiri-lo. Por conseguinte, os livros e a leitura são considerados estritamente como ferramentas.”

Dewey fundamentava suas propostas educacionais na ideia de que a escola é a vida e não apenas uma preparação para ela. Ele idealizou a Pedagogia de Projetos (utilizada na Escola da Ponte, abordada posteriormente), buscou juntar o aprender ao fazer, pois defendia que o conhecimento é estimulado quando as pessoas agem concretamente resolvendo questões e problemas práticos. “Dewey propunha que os conteúdos escolares fossem abordados de forma menos acadêmica e mais centrada nas situações do cotidiano, pois as potencialidades individuais só se desenvolvem realmente quando em contato com a sociedade.” (MEC,UNICEF, 2007,p.16)

“Inspirado por essas ideias, o brasileiro Anísio Teixeira planejou a Escola Parque, com o propósito de que as instituições educacionais deixassem de ser lugar somente de letras e de iniciação intelectual, para estimular o pensar, fazer, trabalhar, conviver e participar” (MEC, UNICEF, 2007, P.16). Anísio Teixeira lutou por uma educação pública integral que deveria romper com o modo convencional e adotar uma prática educativa que considerasse os interesses, as capacidades e o contexto social de cada aluno preparando-o para o seu futuro em todos os aspectos.

A escola tem pois de se fazer, verdadeiramente, uma comunidade socialmente integrada. A criança aí irá encontrar as atividades de estudo, pelas quais se prepare nas artes propriamente escolares (escola-classe), as atividades de trabalho e de ação organizatória e prática, visando a resultados exteriores e utilitários, estimuladores da iniciativa e da responsabilidade, além de atividades de expressão artística e de fruição de pleno e rico exercício de vida. Dêste modo, praticará na comunidade escolar tudo que na comunidade adulta de amanhã terá de ser: o estudioso, o operário, o artista, o sportsman, o cidadão, enfim, útil, inteligente, responsável e feliz. Tal escola não é suplemento à vida que já leva a criança, mas a experiência da vida que vai levar a criança em uma sociedade em acelerado processo de mudança.(TEIXEIRA, A. 1962, P.22)

Mais recentemente outros nomes trouxeram argumentos e alternativas admiráveis no campo da educação e da pedagogia. A.S. Neil com a experiência inglesa, Summerhill, conseguiu realizar um grande sonho de muitos ao construir uma escola democrática em 1921 que continua em funcionamento nos dias de hoje. De acordo com o site³ da iniciativa, a filosofia da instituição é permitir a liberdade para o indivíduo, entendendo que cada um trilhará um caminho diferente de acordo com suas aptidões, interesses e vontades. A instituição tem uma estrutura democrática na qual professores e alunos tem os mesmo peso em decisões, todos tem voz e juntos contribuem através de diversos dispositivos, como reuniões escolares e assembleias, na gestão.

Foucault, em *Vigiar e Punir*, 1975, escreveu sobre instituições nas quais a principal característica era a disciplina corporal, de certa forma, colocando colégios, fábricas, quartéis e prisões em um mesmo patamar quanto ao processo de disciplinarização dos corpos, nas escolas, isto vai além do corporal, alcançando os conhecimentos.

Illich (1970), em sua obra *Sociedade sem escola*, defende a desescolarização da educação, autodidatismo e redes de aprendizado. Muitas vezes, tal formato acaba sendo uma alternativa aos pais que buscam formas alternativas ao educar diferente da instituição escolar atual.

Paulo Freire, pedagogo brasileiro conhecido internacionalmente por suas obras, tais como *A pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, trabalhava em busca da libertação do oprimido através do empoderamento na construção do conhecimento a partir de seu conhecimento prévio, seu contexto, vivências, refletindo criticamente sobre o sistema no qual estão inseridos. Saviani (2001), em *Escola e Democracia*, critica a educação tradicional, defendendo uma pedagogia ativa, centralizada na troca de conhecimentos e na iniciativa dos alunos.

José Pacheco, como Neil, pode se orgulhar por idealizar e ver acontecer uma instituição com uma experiência inovadora onde não há aulas expositivas, turmas divididas por idades, nem provas desde 1976. Essa é a Escola da Ponte em Portugal não tem uma linha única metodológica de ensino, mas busca uma convergência de princípios como organização, gestão e aprendizagem coletivas fundamentados por diversos pensadores.

É conhecida pelo uso de uma pedagogia de projetos, grupos de alunos de diferentes idades se juntam a partir de interesses comuns, pesquisam e produzem conhecimento, ao

³ Disponível em < <http://www.summerhillschool.co.uk/> > Acesso em 20/10/2015

finalizar essa etapa, são avaliados de diversas formas, se adquiriram determinado conhecimento, partem para outros grupos e pesquisas. A avaliação é sistemática e contínua, não são realizadas provas. Este método de ensino aproxima-se do modelo que se baseia no estudo por fenômenos em vez do estudo por disciplinas, esse formato é visto em países como a Finlândia, que é reconhecida pela valorização dos professores e tem alta qualidade de ensino. A Escola da Ponte funciona há quase 40 anos e tem proporcionado resultados positivos de acordo com Pacheco em sua entrevista ao Portal Fórum⁴:

Os relatórios são realizados, as avaliações são realizadas, a pedido do Ministério da Educação, e são realizadas por uma equipe de avaliadores independentes, nomeados pelo ministério(..) O que se tira dos relatórios é que no domínio cognitivo, no estudo diacrônico e comparativo, ou seja, comparando as notas dos ex-alunos da Ponte, quando foram para outra escola, com as notas de cerca de dez escolas da região, o resultado é este: em todas as disciplinas as melhores notas são dos alunos da Ponte. Segundo, em relação às atitudes, quando vão para outra escola, eles ensinam os outros a pesquisar, ajudam os outros a aprender, formam associações de estudantes, participam ativamente. São pessoas que colaboram, sabem pedir a palavra. No domínio da relação escola-família, é a comunidade que dirige a escola, não pode haver maior integração ou maior relação. (FÓRUM, 2013)

Na reportagem de Maria Lopes para o portal Público⁵, pode-se ver o desempenho dos estudantes da Escola da Ponte superando a média nacional portuguesa em exames nacionais.

Segundo o ranking do PÚBLICO, que inclui as notas dos alunos internos na 1.^a fase dos exames, n^os Aprendizizes, a média do 4.^o foi 2,75 e, na Ponte, 3,67 – a média nacional foi 2,8. Ainda na Ponte, no 6.^o foi 3, acima dos 2,71 nacionais e no 9.^o foi 2,5, a mesma do país. (PÚBLICO, 2014)

A experiência da Escola da Ponte pode ser considerada um estímulo para educadores e simpatizantes de uma educação inovadora e libertária. Percebe-se que há uma corrente de pensadores, teóricos, filósofos, educadores e estudiosos que estão indo contra a maré e é possível afirmar a existência de um movimento que se opunha ao modelo tradicional educacional conhecido como Escola Nova.

Para um maior embasamento teórico sobre a pedagogia tradicional e o modelo proposto pela Escola Nova, movimento por uma mudança na educação na década de 1920, utiliza-se neste trabalho as contribuições de autores como Gauthier e Tardif (2013) que desenvolveram um apanhado histórico no livro *A Pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias*. De acordo com os autores, Rousseau inspirou mudanças importantes na concepção sobre a infância e a educação. Mas não se pode atribuir as

⁴ Portal Fórum, Delorenzo e Rovai, 2013 Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/07/entrevista-com-jose-pacheco-da-escola-da-ponte-o-professor-deve-ser-um-mediador-de-conhecimentos/>>

⁵ Portal Público, José Maria Lopes, 2014. Disponível em <<http://www.osaprendizes.pt/Ficheiros.ashx?i=14177>> Acesso em 15/10/2015

propostas da Escola Nova apenas a um fundador específico, sendo que ao fim do século XIX e na primeira metade do século XX muitos autores com variadas iniciativas contribuíram para este movimento, dentre eles John Dewey, Ferrière, Montessori e Neil. Apesar de as iniciativas serem bastante heterogêneas, existem alguns pontos em comum, como a oposição à educação tradicional e a importância dada à centralidade na criança em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. (GAUTHIER, TARDIF, 2013)

Para uma melhor compreensão das diferenças entre as duas vertentes é Gauthier e Tardif (2013) apontam algumas características. A pedagogia tradicional em seu método educa de fora para dentro, visando formar a criança, modelá-la, a transmissão é passiva, a criança segue um modelo e é enciclopedista. Já a Escola Nova, nos mesmos quesitos, educa de dentro para fora permitindo o desenvolvimento das forças imanes da criança, é uma pedagogia do interesse onde o processo de construção do conhecimento é ativo, envolvendo o estudante, que é o “aprender fazendo”. Esses são alguns pontos que esses autores trazem de acordo com partidários do movimento.

A concepção da Escola Nova, na visão de Lourenço Filho⁶ (1897-1970), pretendia superar a ideia de que o aluno era um receptor passivo de informações, considerando-o um ser participante que contribuía para seu próprio processo de aprendizagem. A sala de aula deixaria de ser um espaço meramente físico para se tornar um ambiente de integração entre as crianças, trazendo elementos presentes na sociedade que as estimulasse a condutas que favorecessem o desenvolvimento de ações comunitárias. Dessa forma, a aprendizagem extrapolaria os contornos físicos da sala de aula (PACHECO, 2014).

A pedagogia tradicional, do controle e da ordem, é cada vez mais contestada, graças a diversos teóricos e ao movimento da Escola Nova, mas outra questão se torna mais forte a partir da noção de uma democratização escolar, na segunda metade do séc. XX. Com essa democratização, novos valores pedagógicos tomam importância como o respeito da criança, da diversidade, autonomia no processo de aprendizagem, da liberdade e dos interesses do aluno (GAUTHIER, TARDIF, 2013).

Freinet (1896-1966) faz parte dos educadores identificados com a corrente da Escola Nova. Apesar de ter um diferencial por criar um movimento a favor da escola popular que acaba o distinguindo de pensadores do movimento francês. Os brasileiros, no caso, se aproximavam mais a Freinet, por defenderem uma educação pública de qualidade. Conhecido por reformular algumas teorias da Escola Nova, defendia a gestão democrática e a livre

⁶ Lourenço Filho foi um educador conhecido sobretudo por sua participação no Manifesto dos pioneiros da Escola Nova junto a Anísio Teixeira, Cecília Meireles e Fernando de Azevedo.

expressão como um princípio pedagógico. Esta deveria permitir a cada um expressar seus sentimentos, emoções, impressões, reflexões. Favorecia-se a escrita e o acolhimento do "outro", numa pedagogia solidária e cooperativa.

A partir disso é possível fazer um paralelo com lutas de educadores atuais por defenderem uma escola democrática, comunidades de aprendizagem, e outros. Em um encontro, que participei na Escola Classe 115 Norte em Brasília no dia 24 de julho de 2015, no qual estava José Pacheco, algumas de suas palavras ficaram marcadas e estão intrinsecamente relacionadas a essa noção de democratização escolar. Pacheco disse que onde havia hierarquia não havia autonomia, lembrando que a inovação não nega as experiências anteriores, mas dá espaço para os sujeitos e seus processos. Ele defendeu que as crianças devem ter suas perguntas pautando o seu aprendizado. Porém, o que acontece, na realidade, é que o conhecimento científico se sobrepõe a todos os outros, inclusive, ao conhecimento de mundo dessas crianças, negando-os ou anulando-os.

A pedagogia libertária também surgiu para criticar e oferecer novas formas de se entender a educação, ela tem base em alguns autores anarquistas. O preconizador da pedagogia libertária foi Godwin ainda no século XVIII, que criticava o modelo educacional proposto pelo Estado, que poderia usá-lo para legitimá-lo.

Além disso, ele defendia a educação pela vontade, o aluno devia buscar o conhecimento a partir de seu próprio anseio, repudiava o ensino por meio de ameaças e medos. Godwin defende que é necessário entender os motivos de aprendizagens, que são divididos em intrínseco, aqueles provenientes do próprio objeto a ser estudado, e extrínseco advindos desde o interesse do educando ou pelo professor por meio de persuasão e incentivo. (VARGAS, 2007).

Críticas similares as de Godwin foram apresentadas por outros nomes vinculados ao movimento anarquista, tais como Proudhon ou Bakunin. No Brasil, também podemos ver pedagogos com princípios similares, como José Oiticica (1882-1957) que no início do século XX acreditava que a proposta de educação que estava disponível para o povo era baseada no preconceito, comparando-a com o treinamento militar e frisando que ela não era para pensar, mas baseada apenas na repetição, sem trabalhar a crítica (GALLO, 1995b, pp. 33-34).

“A pedagogia libertária se volta para a capacidade do ser humano em aprender por si só e ser capaz de se dar conta que o conhecimento não é absoluto e imutável, mas que é passível de crítica e renovação” (GALLO, 1995b, p. 36). É somente através dessa proposta educacional que pensadores anarquistas consideravam ser possível a construção de uma nova sociedade, justa e sem preconceito (VARGAS, 2007).

Outro conceito vinculado ao da pedagogia libertadora são as comunidades de aprendizagens defendidas por José Pacheco. São projetos educativos que superam os muros da escola, abrangendo toda a comunidade no processo de formação de seus indivíduos na construção de um projeto educativo e cultural próprio, para educar a si, suas crianças, seus jovens e adultos.

As suas propostas têm diferentes origens e filiações: no positivismo, na Escola Nova, na Educação Libertária, na Antroposofia2?????, na Teoria Crítica... Definem-se como: montessorianos, steinerianos, espíritas, anarquistas, neomarxistas, ou não enquadrados em qualquer dessas tribos. Todos têm em comum a crítica da velha escola e o apontar da necessidade de substituí-la por comunidades de aprendizagem, expressão que surge pela primeira vez na obra de Lauro, mas que, no *pot-pourri* de tendências e práticas, se manifestou no Brasil desde o início do vigésimo século.(PACHECO, 2014, p.13)

As Comunidades de Aprendizagens estão também relacionadas às experiências de Bairro-Escola que podem ser vistas no Brasil. A Cidade Escola Aprendiz é um programa que busca incentivar e fortalecer iniciativas que compreendem que o processo de ensino-aprendizagem é contínuo e envolve toda a comunidade indo além dos muros de um edifício escolar.

De acordo com o site da iniciativa “O programa pretende estimular a demanda social por Cidades Educadoras no Brasil por meio de projetos e experiências voltados à integração entre comunidades, escolas e territórios, a organização fomenta e realiza ações estratégicas para a constituição de uma cidade orientada para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Trazendo a experiência e as metodologias de 18 anos de atuação da proposta Bairro-Escola, o programa também é responsável por produzir e disseminar conteúdos relacionados à temática, além de identificar e apoiar políticas públicas que possam contribuir com a formação de Cidades Educadoras.”

De acordo com o documento *Bairro-Escola passo a passo (2007)* do MEC, UNICEF e Cidade Escola Aprendiz o conceito de Bairro-Escola se baseia em dois pontos principais. Primeiro, o ato de aprender é o ato de se conhecer e de intervir em seu próprio meio. Segundo, a educação deve acontecer por meio de parcerias envolvendo escolas, famílias, poder público, empresas, organizações sociais, associações do bairro e indivíduos, juntos irão administrar as potencialidades educativas daquela comunidade. Os agentes devem estar integralmente envolvidos com aquela educação, além da revitalização daquele espaço, dessa forma os envolvidos nessa construção se sentem parte e aquilo se torna significativo e é aceito por todos, diminuindo índices de violência.

Os princípios adotados pela Cidade Escola Aprendiz para implementar o Bairro- Escola são:

1) apostar nas riquezas comunitárias e fortalecer o que já existe, através de um permanente trabalho de mapeamento investigativo. 2) identificar um foco geográfico delimitado e revitalizar constantemente o seu espaço público, demonstrando que uma nova cidade se torna possível através da educação. 3) avaliar e sistematizar periodicamente o modelo de gestão, tornando-o mais eficiente. 4) construir alianças nos mais variados níveis e com diferentes atores, incluindo as três esferas de governo, o empresariado, as organizações sociais, as universidades e, principalmente, as crianças e jovens, agentes e beneficiários dessas mudanças. 5) entrar nas escolas para aprender e desenvolver inovações pedagógicas junto com os professores, formando com eles um grande “consórcio de vontades”. 6) enfatizar o papel da educação na formação de indivíduos autônomos e solidários e a importância da escola como parte de um processo de aprendizagem que acontece ao longo de toda a vida. 7) sensibilizar as lideranças comunitárias e desenvolver entre elas um olhar educativo, capaz de atender às demandas do aprendizado permanente. (MEC, UNICEF, 2007, p.8)

De acordo com MEC, UNICEF E ESCOLA APRENDIZ (2007), a experiência do Bairro-Escola foi primeiramente implementada na Vila Madalena em São Paulo, em 1997, e se tornou referência para vários municípios que buscam novos modelos de educação, entre eles Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro; Belo Horizonte, em Minas Gerais; Boa Vista, em Roraima; Praia Grande, São Bernardo, São Caetano e Taboão da Serra, em São Paulo.

Atualmente, a Cidade Escola Aprendiz trabalha cada vez mais intensamente para desenvolver e disseminar experiências pedagógicas que consolidem essa “nova cultura do educar”, que transcende a escola, mas se associa a ela com o propósito de potencializar todas as oportunidades educativas existentes na comunidade (MEC, UNICEF, 2007).

São muitas ações de diferentes formatos que estão acontecendo pelo Brasil, porém em Brasília ainda não existem muitas alternativas ao modelo atual. A professora Fátima Vidal da Faculdade de Educação da UnB explica que isso está relacionado ao fato da cidade ser nova e que ainda não tem um modelo identitário próprio, mas existem professores e estudantes que estão cada vez mais engajados nessa luta por uma nova forma de ensino. Simone Lima, do Instituto de Psicologia da UnB, conta que atualmente Brasília é um deserto em inovação, mas acredita que em alguns anos poderemos ver várias iniciativas inovadoras na cidade.

2.2 Documentário

O documentário, para Nichols (2005), nos dá a capacidade de olhar para assuntos do mundo que precisam na nossa atenção, nos coloca diante de questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. Nos oferece um novo ponto de vista acerca de determinado tema que antes não havíamos pensado sobre ou daquela forma.

Segundo o autor, os documentários trazem representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Podem representar pontos de vistas de indivíduos, grupos ou instituições e também fazem representações, elaboram argumentos, formulam estratégias para convencer e influenciar opiniões.

Para mim, o documentário tem tido um crescente interesse, tendo em vista que cada vez mais temos acesso a eles, por meio das salas de cinema, Netflix, canais do Youtube e em canais abertos, como a TV Cultura, TV Brasil, TV Câmara e TV Senado, todos oferecem uma variedade de documentários, além das inúmeras opções existentes na TV fechada.

O crescente interesse pode estar ligado ao seu papel e o apelo social que conseguem alcançar, aliados à uma melhor qualidade de captação de imagem, na medida em que os equipamentos tem se tornado cada vez mais acessíveis. Câmeras DSRLS podem substituir filmadoras, geralmente de custo mais elevado, na gravação de um documentário independente e a qualidade do resultado final não deixa a desejar, como normalmente acontece na Faculdade de Comunicação e no cinema universitário brasileiro, tanto em produções ficcionais ou não. As mudanças também são vistas na linguagem do documentário, muitos documentaristas para cativar o interesse do público começam a se desvencilhar de um formato mais antigo de entrevistas, utilizam-se de diversos elementos para ser mais convidativo e dinâmico.

A questão está em se podemos afirmar a existência de um campo heterogêneo, trabalhado em sua substância imagético-sonora comum, dentro de um leque amplo que vai das experiências com "web câmeras" em sites da Internet, passa por narrativas seriais do tipo "Reality TV"(...) Servindo também para as diversas composições de estilo documentário mais clássico, alternando formas como depoimentos/entrevistas e voz 'over' explicativa. Um mesmo campo que também teria, em suas fronteiras, propostas no estilo "docudrama", dramatizando/reconstituindo eventos extraordinários ou fatos históricos realmente ocorridos, no eixo de programas do tipo "Linha Direta". Será que podemos caracterizar o documentário, dentro de uma equivalência enquanto gênero, a partir de outras tradições narrativas do cinema, como o western, o musical, o filme noir? (RAMOS, 2001, p.92)

Cada vez menos pode-se fazer uma distinção entre os gêneros, pois há uma troca entre eles, pois um utiliza elementos do outro. Como por exemplo, o documentário utiliza roteirização, personagens, até mesmo ensaios e interpretação, enquanto que ficções também

se empregam não-atores, imagens de arquivo, planos com câmera tremida para aproximar o espectador ao real, como por exemplo, *Bruxa de Blair* e *Cidade de Deus*.

Rabiger (2007) defende que todas as histórias, sejam elas documentais ou ficcionais, envolvem um drama, que recorre aos elementos comum de uma dramaturgia: personagens, suas necessidades, suas lutas, como lutam, o que os impede e o que pode ser feito para sair de uma determinada situação (2007, p.62).

Nichols (2005) tem uma visão interessante em relação ao conceito de filmes, ficção e documentário, pois defende que “Todo filme é um documentário”. O autor considera que existem dois tipos de filmes: os documentários de satisfação de desejos e os documentários de representação social. Isso pode embasar a ideia de um documentário para o entretenimento e o outro para uma reflexão social.

O autor conta que para a firmação do gênero documentário três elementos foram primordiais: o relato narrativo, a experimentação poética e a oratória retórica. A finalidade de adotar uma posição perante determinada questão e convencer os espectadores acerca desse posicionamento demanda um forma de falar, que é diferente da narração, pois é necessário unir razão e emoção, evocação e poesia no intuito de persuadir ou inspirar confiança sobre questões, muitas vezes, controversas. Esse modo é denominado retórica. Assim, a oratória retórica é importante para aprofundar no porque da escolha de um documentário e a importância social que pode oferecer, esta característica que mais o diferencia de outros gêneros.

Nichols (2005) defende que a oratória que desenvolve o ponto de vista defendido pelo filme e tenta convencer os espectadores a adotarem semelhante perspectiva sobre o mundo. O desenvolvimento dessa oratória se dá pelo uso das diferentes vozes no filme, sejam elas apresentadas pelas palavras ou pelas próprias imagens: “a voz do filme demonstra como seu criador se posiciona no mundo e em relação àquilo que documenta, pois a voz serve para dar concretude ao engajamento do cineasta no mundo” (NICHOLS, 2005, p.76).

O cineasta é quem estrutura essa voz argumentativa dentro de sua obra, ao pontuar visões de mundo e ângulos da realidade histórica que serão defendidos no filme por meio da oratória retórica. Essa voz é o meio pelo qual o ponto de vista sobre o mundo ou uma perspectiva particular se apresenta e está claramente relacionada ao estilo pelo qual o filme optou para desenrolar sua trama. Assim, o autor acredita que:

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou

poder, de sua voz. A voz do documentário é maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. (NICHOLS, 2005, p.73)

Lembrando que a voz do documentário não se restringe ao que é dito verbalmente, pela fala do narrador ou dos próprios atores sociais, mas se dispõe no filme por meio da seleção que é feita, da montagem de sequencias, música utilizada, escolha de planos e imagens de cobertura. Isso significa que os pontos de vistas defendidos por um filme são, relativamente, explícitos e que dependendo de cada autor determinados pontos de vistas podem ser ocultados desejando mostrar o que lhe convém para a construção de um argumento que lhe faz sentido.

Alguns documentários que exploram diversos recursos para expor um ponto de vista sobre a educação foram referência e inspiração para o meu produto final de conclusão de curso. Os filmes foram “La Educación Prohibida” de German Doin, “Quando Sinto que Já Sei” de Antonio Sagrado Lovato, Raul Perez e Anderson Lima e “Pro Dia Nascer Feliz” de João Jardim. Os dois primeiros pontuam as iniciativas inovadoras na educação, um internacionalmente e outro nacionalmente e o terceiro fala dos problemas encontrados nos colégios atuais fazendo uma comparação de instituições particulares e públicas, revelando os conflitos existentes nas duas instituições, as prioridades dos estudantes, as desigualdades sociais e qualitativas nas escolas.

La Educación Prohibida é um documentário argentino de 2012 que questiona a escolarização moderna e a forma de entender a educação. Por meio de visita a 45 experiências educativas diferentes do padrão tradicional em oito países, o filme nos mostra alternativas possíveis para educar. Além de revelar essas alternativas, especialistas ao longo de todo o filme apontam falhas do modelo atual educacional, argumentos se baseiam na ideia de que esse padrão escolar produz cidadãos doutrinados pelo sistema e proíbe qualquer ato que não esteja conforme a norma estabelecida por ele. O filme é uma das grandes referências para o meu trabalho, informativo, completo e interessante.

La Educación Prohibida tem duração de quase duas horas e meia e tem 90 entrevistados de acordo com o site⁷. Além de informativo, ele dispõe de imagens ficcionais, como dramatizações para ilustrar as falas de especialistas, educadores e pais, como também diversas animações. O projeto foi realizado com o apoio de diversos colaboradores por meio

⁷ Disponível em < <http://www.educacionprohibida.com/> > Acesso em 10/11/ 2015

de crowdfunding. Por ter licença *Creative Commons* pude utilizar algumas de suas animações em meu documentário.

Quando Sinto que Já Sei registra experiências inovadoras na educação e foi realizado por crowdfunding igualmente ao documentário anterior, no entanto, este tem a produção brasileira. A obra reúne depoimentos de pais, alunos, educadores e profissionais de diversas áreas sobre a necessidade de mudanças no tradicional modelo de escola, além de mostrar experiências tais como: Projeto Âncora (Cotia – SP) - Casa do Zezinho (São Paulo – SP) - Politeia (São Paulo – SP) - EMEF Amorim Lima (São Paulo – SP) - Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (Curvelo - MG) - GENTE (Rio de Janeiro - RJ) - Escola Alfredo J. Monteverde - Projeto de Educação Científica da AASDAP (Natal – RN).

De acordo com o site do filme⁸ “durante dois anos, os realizadores visitaram iniciativas em oito cidades brasileiras – projetos que estão criando novas abordagens e caminhos para uma educação mais próxima da participação cidadã, da autonomia e da afetividade. A etapa final do projeto foi financiada com a colaboração de 487 apoiadores pela plataforma de financiamento coletivo Catarse.”

Pro Dia Nascer Feliz de João Jardim mostra através de relatos de estudantes e educadores a realidade das escolas públicas e privadas nos estados de SP, RJ e PE. O filme se destaca por trazer essa problemática na voz dos agentes envolvidos, enquanto que muitos documentários prezam pela necessidade de especialistas debatendo certo tema, este documentário tem a ideia de mostrar por meio das pessoas que vivem as dificuldades, apreensões vividas por estarem dentro do sistema escolar.

Este documentário diferentemente dos outros dois não tem como foco as alternativas à educação, mas sim o funcionamento do ensino oferecido atualmente, fazendo um paralelo entre escolas públicas e particulares, que está diferentemente relacionado a classe social e as desigualdades encontradas na qualidade, estrutura e oportunidades escolares. Enquanto determinados alunos saem do colégio com futuro promissor, outros acabam a abandonando por motivos diversos. Vai além da discussão sobre a necessidade de transformação da escola, mas sim do sistema como um todo. Pois a sociedade só poderá avançar quando permitir que todos caminhem juntos com as mesmas oportunidades.

⁸ Disponível em < <http://www.quandosintoquejasei.com.br/> > Acesso em 10/11/2015

Mescliei alguns desses elementos para realizar o filme. Escolhi especialistas para iniciarem o diálogo sobre os problemas encontrados na Educação e em seguida trouxe personagens que poderiam dividir com o espectador sua experiência no ambiente educativo, seja ele professor ou aluno.

3. Metodologia

3.1 Pré-Produção

Recordo o dia em que tive a ideia de fazer este documentário. Foi em uma aula de Políticas de Comunicação, em meados de abril de 2015, com o professor Fernando Oliveira Paulino no primeiro semestre de 2015. Estávamos assistindo ao documentário “Pro dia nascer feliz” de João Jardim e tivemos uma discussão em sala sobre o modelo educacional que nos é imposto. Era expressivo o número de estudantes que argumentavam que a escola não educava significativamente, independentemente se era pública ou particular. E o verbo educar usado aqui não é um educar sonhador e utópico, é em relação aos conteúdos passados, a absorção e a significância que estes tiveram em nosso trajeto escolar.

A escola convencional muitas vezes falha ao não nos proporcionar uma educação voltada para o sujeito, foca somente em conteúdos, esquece-se de auxiliar na formação integral do indivíduo, quando não o instiga a pensar, criticar, refletir. Seria ótimo se a criança da educação infantil e do ensino fundamental e o jovem do ensino médio compreendessem que aprender é agradável, instigante e libertador, mas para isso a escola precisa proporcionar a este educando um ambiente acolhedor. Isso é uma possibilidade quando a instituição oferece diferentes caminhos para a construção do conhecimento, permitindo que o estudante tenha suas demandas ouvidas, respeitando seus interesses, particularidades e tempos de aprendizagem. Ao fazer pontes entre o conteúdo e o aluno de uma forma mais motivadora, experimental e próxima, partindo de seus conhecimentos prévios, seu contexto e suas vontades, a escola valoriza seu educando.

Após essa aula de Políticas em Comunicação, essa discussão se tornou em uma grande inquietação, algo que eu já havia sentido antes, enquanto fazia o curso de Pedagogia na UnB, mas que nunca havia aprofundado. Comecei a pensar sobre os motivos e os obstáculos que existem para se ter uma escola na qual os estudantes querem estar na segunda feira e ficam triste quando chega o final de semana. Não conseguindo responder sozinha a esta questão, decidi então fazer uma pesquisa que por fim ofereceu subsídios iniciais para o documentário resultante deste trabalho de conclusão de curso. Sabendo que existem muitas iniciativas mundo afora que fogem desse modelo educacional, me intrigava que esses ainda eram a alternativa e não o comum. Outra questão era como se sentiam os educadores em Brasília em relação a essa ao modo convencional de ensino. Eu desejava conhecer qual seria a “escola dos sonhos” de alunos, especialistas e professores.

Delimitei os pontos que gostaria de responder com o documentário: os problemas do modelo convencional e as possíveis soluções/alternativas. De início, queria trazer a palavra de diversos agentes e sujeitos que estão relacionados com a temática, como professores, alunos, pais, estudiosos e políticos.

Como faço estágio na TV Senado desde março de 2014, cogitei colocar políticos que poderiam acrescentar algo ao filme, como o senador Cristovam Buarque (PDT-DF) que tem um histórico de ações e propostas voltadas a educação, a mais conhecida é a federalização da educação. Porém, ainda no pré-projeto fui orientada a diminuir o espectro e evitar políticos para não ficar com uma linguagem similar a programas de televisão e mais uma linguagem documental. Acabei tirando os políticos antes mesmo de ter o orientador definido.

Após a parte inicial na qual seriam feitas as reflexões sobre a escola convencional, sentia que precisava propor alternativas como possíveis soluções e caminhos e para isso mostraria iniciativas em Brasília que buscam uma educação mais libertadora. Em 2012, quando fazia Pedagogia na UnB, eu ouvi falar das iniciativas como *Vivendo e Aprendendo*, *Moara* e o *INDI*, como alternativas ao modelo tradicional. Seriam estas o meu ponto de partida.

Com orientador definido e projeto firmado ainda no primeiro semestre de 2015 comecei a prospectar essas opções, visitar e conversar com diretores, professores dessas escolas mencionadas. A *Vivendo e Aprendendo* é uma associação e todo o processo para aceitação e compromisso de entrar no filme foi muito lento. Foram feitas duas reuniões com o Conselho Pedagógico, nos meses de junho e agosto, explicando aos envolvidos do que se tratava o filme, o que seria necessário gravar. Quando finalmente foi deliberado e aceito, foi-me sugerido, como pedi, uma professora que também era mãe para observar a prática. Observei essa professora ao longo de um mês, visitando a escola uma vez por semana durante o mês de agosto. E quando foi pedido autorização de imagens e voz das crianças para que começássemos as filmagens, a maioria dos pais não se sentiu confortável em autorizar a filmagem. No meio desse processo, comecei a observar outra turma, na qual a maioria dos pais autorizou, felizmente, a filmagem.

Após pesquisa e busca por essas instituições que adotam uma prática inovadora, foi constatado que não há muitas alternativas em Brasília. Tendo algumas escolas que seguem uma linha diferente ao tradicional, mas não necessariamente inovadora, no sentido em que o aluno tem suas singularidades acolhidas, seus interesses pautando a construção de seu aprendizado, sendo, desta forma, o centro de seu processo de aprendizagem. Das duas opções que inicialmente considerei possíveis alternativas, após visita, observação e pesquisas com

professoras especialistas no campo da educação libertária, foi possível constatar que a *Vivendo e Aprendendo* era a única iniciativa que encaixava neste perfil. O diálogo com a escola *Moara* acontecia desde julho de forma truncada, na qual não tinha resposta da gestão e em setembro percebi que não teria uma definição em tempo hábil.

A partir disso, foi preciso mudar o meu foco e linha de narrativa, pois a primeira ideia era mostrar escolas que buscavam práticas inovadoras na educação. Foi necessário entender a distinção do que é inovador e o que se diz alternativo ao modelo atual. Algumas dizem adotar métodos diferentes, mas quando observadas, não diferiam muito dos colégios considerados convencionais na medida em que o conteúdo era lecionado por um professor em sala de forma desconectada com outros, não havendo uma preocupação na interdisciplinaridade, os alunos sentados sempre em fileiras, o docente dando continuamente aulas expositivas e um foco maior com avaliações e notas, deixando estudantes preocupados com as notas nos exames por parte dos estudantes. Às vezes, se dizem inovadoras por ter uma tecnologia mais avançada, utilizando internet, computadores ou *tablets* nas aulas, mas a postura de professor continua sendo aquela na qual ainda não dá o espaço para a construção de autonomia do aluno em sua construção do saber, enfatizando mais os conteúdos do que o sujeito, avaliações pontuais e não contínuas, etc.

Após essa percepção, resolvi continuar com a associação *Vivendo e Aprendendo*, pois acredito que as pessoas envolvidas têm uma experiência relevante e que deve ser mostrada. Porém, por não incluir as outras, tive que optar por um novo recorte. Ao final, o professor que busca por conta própria mudar a sua prática se tornou o mais interessante e próximo do que buscava com o documentário.

Apesar de ser diferente da ideia original, a mudança fez com que o trabalho ficasse mais rico, pois focou mais em um agente, em vez de tentar abraçar o mundo com as mãos, trazendo falas de pais, alunos, professores e especialistas. Pude, dessa forma, aprofundar mais nesses personagens que compartilharam um pouco do seu cotidiano, suas angústias e sonhos. Além disso, a escola pública passou a estar representada no filme, antes apenas iniciativas particulares teriam vez, e era algo que me incomodava.

Participei neste segundo semestre de 2015 do Projeto Autonomia, projeto de extensão da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia, no qual alunos de diferentes graduações podem ao longo do semestre acompanhar um professor da rede privada ou pública e tem como objetivo trabalhar com esse professor e intervir com propostas para transformar aquele ambiente tentando criar um diálogo com os estudantes e com seus conhecimentos

buscando uma educação mais significativa. Com isso, neste grupo conheci alguns educadores que poderiam ser personagens para o meu documentário.

Mesmo com professores interessados e disponíveis foi difícil encontrar os personagens para o filme, pois muitos ainda estavam no início da prática e ainda estavam inseguros em relação a sua prática. Uma das professoras que comecei a observar sua rotina encontrava dificuldades ao querer fugir do papel de professor autoritário, estava no início da carreira e buscava maneiras diferentes de trabalhar o conteúdo, mas encontrava resistência de seus alunos, apesar de estar em um colégio onde a gestão a apoiava nessa transformação. Frustrada constatou que não se sentia confortável em retratar a sua rotina.

Então tive que procurar outras pessoas que poderiam me ajudar, descobri dois outros professores interessantes, Andressa Vieira e Mateus Fernandes, indicados por umas das professoras do projeto e que também foi entrevistada, Fátima Vidal da Faculdade de Educação.

Andressa Vieira faz parte do Fórum Autonomia, que é outro ramo do projeto de extensão, para professores atuantes que se dá nas quintas feiras à noite. Ela primeiramente trabalhou na *Vivendo e Aprendendo*, depois na *Casa dos Pássaros*, todas as duas são iniciativas voltadas para a educação infantil, e teve a oportunidade de conhecer novas formas de organização escolar, gestão democrática e métodos de ensino. A primeira é uma associação reconhecida pelo seu método diferenciado, e a segunda uma iniciativa feita pelos pais das crianças que buscavam uma educação mais completa, voltada a natureza, ao desenvolvimento e a sociabilidade da criança. Nessa sua experiência como educadora, Andressa teve contato com alguns dispositivos democráticos de gestão escolar e pela afinidade com o trabalho desenvolvido pela Escola da Ponte de Portugal, começou a aplicar em sua sala de aula alguns desses elementos, como a assembleia, grupos de responsabilidade e outros meios de avaliação. Ela atualmente está na Escola Classe do Jardim Botânico, mas se sente muito só, pois é a única professora que defende uma mudança na sua própria prática, apesar de que a direção aceitou que desenvolvesse o seu trabalho. No momento está, junto a outros professores do fórum autonomia, tentando o remanejamento para uma escola específica na qual não tem muitas pessoas interessadas, para que esses educadores consigam todos serem transferidos para este mesmo local. Se conseguirem ficar juntos em um único espaço, já vão ter maior autonomia para essa transformação, discutindo e modificando aos poucos, mas pelo fato de terem objetivos similares e acreditarem em uma forma nova de se educar baseados em iniciativas como a Escola da Ponte, acredito que ela se sentirá menos sozinha e mais fortalecida com apoio de colegas. Quando tiverem esse espaço poderão trabalhar com os pais,

estudantes e professores na construção de uma escola mais democrática. Será uma boa opção para quem busca uma alternativa pública diferenciada em métodos de ensino.

O outro professor é o Mateus Fernandes, conversamos em outubro, quando houve a desistência da professora que não se sentia segura ao mostrar sua rotina em sala. Ao conversar com esse docente, percebi que seria quase impossível gravar em sua escola, pela falta de tempo e pela burocracia necessária para autorização das filmagens no local. Apesar de no ano passado ele ter feito um trabalho considerado inovador, Mateus Fernandes disse que esse ano precisou se “adequar” aos padrões, a gestão não aceitou o trabalho anterior pois não estava de acordo com o que acreditavam ser correto. Apesar de não podermos realizar as filmagens, considerei válido gravarmos o seu depoimento, além de dar importância ao seu trabalho, ouvir o que tem a dizer, daria também visibilidade as dificuldades encontradas por professores que buscam realizar uma prática diferenciada, mas acabam encontrando resistência por parte de pais, colegas de trabalho, estudantes etc.

Essa experiência do Mateus reflete a necessidade de discussão sobre a temática, pois de acordo com Lei Diretrizes e Bases a gestão escolar tem autonomia para decidir a forma como os professores irão trabalhar os conteúdos dos parâmetros curriculares nacionais. No entanto, ainda há a dificuldade cultural que está enraizada e professores, pais e estudantes e muitos não entendem e aceitam novos modelos e novas formas de ensino. Mateus também faz parte do Fórum do grupo Autonomia e está no processo de remanejamento junto à Andressa.

3.2 Produção

A equipe escolhida foi Julia Rangel para fotografia e André Ribeiro para a captação de som. A Julia foi minha primeira opção pelo fato de termos estagiados juntas na TV Senado e sabia que ela se interessava por fotografia, tinha feito anteriormente a direção de fotografia de um outro filme e seu trabalho foi excelente. Por sermos próximas acreditei que seria melhor trabalhar com alguém que poderia conversar, partilhar e receber sugestões válidas e construtivas. Além da proximidade que tínhamos me deixava mais confortável, como seríamos uma equipe pequena isso era importante para mim.

No caso do André Ribeiro também foi minha primeira escolha por ser uma pessoa responsável e agradável de se trabalhar, eu tive contato com seu trabalho por outros filmes, Como fizemos o pré-projeto juntos, ele já estava familiarizado com a minha ideia, se mostrou interessado desde o princípio. No entanto, ele já estava envolvido em outros projetos, e em alguns dias de filmagem não estava disponível, por isso indicou dois colegas : Gustavo

Menezes e Martha Carvalho. Os dois ajudaram na captação do som em dias pontuais quando André não podia estar presente. Foram ótimos parceiros de equipe.

Como produtora fiz prospecção das escolas, personagens e alimentação. Realizei as compras dos lanches para a equipe, pedi autorização de imagem e voz dos entrevistados e das crianças. Tive assistência da Débora de Marilac em duas diárias como na Escola Classe Jardim Botânico, o único dia em que foi necessário oferecer almoço para equipe, e no dia da captação da entrevista da professora Claudia Dansa.

No início das filmagens eu tive assistência de Débora Marilac na produção, no entanto, após outubro ela já estava em outros projetos e saiu da equipe. Enquanto ela estava me auxiliando criei um documento no *googledocs* para que a nossa comunicação ficasse mais fluida. Nesse documento tinha a agenda dos meses de filmagem, continuei atualizando após sua saída.

SETEMBRO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
		1 Observação INDI Manhã	2	3	4 Filmagem Entrevista Claudia Dansa 14h- UnB	5
6	7 Feriado Escolas fechadas	8 Observação. Vivendo manhã Observação EC J. botânico TARDE	9 Observação. Aracy, 115 N manhã	10 Observação Vivendo 08:00-10:00	11 confirmar com a diretora 115 N as autorizações	12
13	14	15 10:00 Pegar equipamentos na técnica!	16	17	18 10:00- 12:00 Filmagem Especialistas Simone	19
20	21 Filmagem Escola Classe Jardim Botânico 13:00- 18:00 (depoimento e assembleia)	22 Filmagem Escola Classe Jardim Botânico	23 Cancelada filmagem 115N	24 Filmagem vivendo e aprendendo 07:00- 12:00	25 Filmagem Entrevista Fátima	26
27	28	29	30			

OUTUBRO

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
				1	2	3
4	5	6	7 Filmagem Entrevistas Diego, Matheus e Rayla 16:00	8	9 Filmagem 115 Norte Alunos 08:00	10
11	12	14	14	15	16	17 Entrevista Mateus 15:00
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29 Entrevista no MEC Helena Singer e Dênis Plapler 14:00	30	31

No total foram 10 dias de filmagens, variando o número de horas em cada dia, entrevistas individuais geralmente duravam uma hora, enquanto que a filmagem da rotina dos professores geralmente se dava em 5 horas. Como pode-se perceber a filmagem se concentrou no mês de setembro, tendo em vista que no cronograma inicial outubro seria o mês de montagem, apesar de ter começado a *syncar* os áudios com os vídeos, ainda foi preciso realizar algumas filmagens o longo de outubro. Novembro também foi feita uma entrevista com o professor da Faculdade de Educação que oferecia uma defesa da escola convencional, porém por motivos já explicitados não foi incluído nesta versão.

3.3 Pós- Produção

Na primeira semana de outubro, eu comecei a montar o filme. Foi nesse momento que me senti insegura, acreditava não ter um fio lógico da narrativa, muita coisa tinha mudado, divergido da minha ideia inicial, e quando fui assistir o material percebi que faltaram passagens que eu tinha pensado, planos que deixei de fazer, perguntas que ficaram mal respondidas ou esquecidas ao longo das entrevistas e conversas.

Julia Rangel, minha colega de FAC, deu a sugestão de tentar montar o filme mais próximo do roteiro inicial pensado, mesmo que ficasse rígido, para pelo menos ter uma ideia do conjunto e assim mostrar para outras pessoas e receber *feedbacks*.

A partir disso, comecei a montar a partir da ideia inicial, trazendo os planos próximos dos professores falando das escolas dos sonhos. Após isso, no sentido lógico, coloquei os especialistas descrevendo os problemas da educação tradicional, a origem dessa modelo e como deveria ser de acordo com cada um, qual tipo de escola defendem, etc.

A partir desses depoimentos, a pergunta era o que existia em Brasília de inovador. E assim, entravam as escolas.

No início, ao decupar o material, meu orientador, Fernando Oliveira Paulino, sugeriu pensar nos pontos fortes de cada personagem e colocá-los no centro da narrativa como que eles guiassem o filme. No entanto, havia diversas falas de especialistas que eu achava imprescindíveis para iniciar o documentário, como a problematização e introdução dos personagens. Devia também evitar os *talking heads* dos especialistas, dar voz às crianças, pois trariam uma dinâmica mais interessante. Foi importante esta orientação no sentido em que a primeira parte do corte inicial contava apenas com os especialistas e estava extensa, deixando o filme um pouco chato talvez até explicativo demais. Após a sugestão do orientador, enxuguei a explicação dos especialistas, adicionei uma estudante no início nos contando sobre sua escola dos sonhos, e trouxe também o trecho no qual Mateus descreve a sua experiência em que as crianças definem o que é ser professor. Isso deu uma leveza e uma fluidez maior no filme.

Tive que decidir algumas questões importantes após essa explicação inicial sobre a necessidade de mudança na educação. Quais as soluções? Mostraria primeiro os professores das escolas públicas ou a Associação *Vivendo e Aprendendo*? Paulino sugeriu introduzir nessa segunda parte com a experiência da Andressa por ter imagens da rotina e por mencionar a *Vivendo e Aprendendo*, finalizando assim com a Associação.

Finalizada a primeira versão, Paulino trouxe apontamentos importantes como diminuir o tamanho da abertura, colocar músicas ao longo do filme, espaços de silêncios, refletir sobre quem quero atingir com o documentário e tomar cuidado em não repelir os professores. Ficamos em dúvida em relação ao nome do filme, pois *Por uma escola dos sonhos* poderia remeter a algo que nunca será possível, mas podemos olhar de outra forma, assim como Eduardo Galeano dizia sobre a utopia:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (GALEANO, 1994, p.310).

Decidi continuar com o nome original, apesar da possibilidade de ruído. Outra sugestão importante feita pelo meu orientador foi a de entrevistar alguém do Ministério da Educação ou da Secretaria de Educação do DF para compor o documentário. Sugeriu também acrescentar um especialista que trouxesse um contraponto, porém ao procurar professores na Faculdade de Educação que poderiam trazer uma crítica a essa busca do novo modelo foi difícil. Muitos realmente, na prática, acabam replicando o modelo convencional, mas em seus discursos acabam sendo progressistas e a favor de novas formas de ensinar.

O único professor que acredito que poderia ajudar neste aspecto retornou meu contato na última semana de entrega do TCC, no início de novembro. Fiz a entrevista com ele, foi importante para mim como interessada no assunto, mas não havia tempo hábil para colocar no produto. Além disso, achei que não faria muito sentido colocar o contra ponto de apenas uma pessoa, sendo que seu depoimento era uma defesa da escola tradicional, mas não uma crítica aos modelos inovadores (o centro do documentário), por não estar familiarizado com o assunto. Creio que o depoimento dele funcionaria melhor na versão longa do filme, no qual poderia colocar outras pessoas oferecendo contrapontos diversos inclusive sobre os modelos inovadores existentes, acredito que ficaria mais fluido assim. Nesta versão curta, poderia confundir o espectador, pois seria apenas uma pessoa em uma construção lógica que está defendendo uma mudança, parecia destoar do todo.

Durante o processo de pós-produção houve captação de entrevistas. No dia 17 outubro, entrei em contato com algumas pessoas no MEC, por meio de telefonemas e e-mails, duas dessas pessoas me recomendaram conversar com a Helena Singer e outra pessoa me indicou Denis Plapler.

Quando fui realizar a entrevista com Helena Singer, no dia 23 de outubro, Denis Plapler estava com ela, acabei fazendo a entrevista com os dois. Foi uma conversa bem agradável, trouxeram pontos bem relevantes e corroboraram com a ideia de todo o

documentário. Não apresentaram contrapontos justamente por comporem o grupo de trabalho de inovação e criatividade na educação básica.

Eu já conhecia um pouco do trabalho da Helena Singer, havia assistido uma roda de conversa na qual ela estava apresentando as novas iniciativas do MEC em relação a temática no projeto Gaia em julho deste mesmo ano. Ela é antropóloga, foi fundadora da Lumiar, de São Paulo que é referência em inovação, foi coordenadora pedagógica na associação Cidade Escola Aprendiz, também importante na área, por promover o Bairro-Escola (mencionado anteriormente). É autora do livro *A República das Crianças: Sobre Experiências Escolares de Resistência* onde descreve diversas iniciativas educativas diferenciadas escolares e não escolares, indígenas, entre outras. Foi assessora especial do ministro Renato Janine, durante seu breve mandato, e atualmente coordena o Grupo de Trabalho (GT) Inovação e Criatividade na Educação Básica do MEC.

Denis Plaper, ainda não conhecia o seu trabalho. Ele, coincidentemente, é graduado em comunicação social com mestrado em filosofia da educação. Durante a entrevista, Plaper fez duras críticas ao modelo chamado por eles de convencional (não utilizam o termo tradicional, pelo fato de tradição remeter a diferentes costumes, como a tradição indígena. Isso fez com que eu mudasse o termo utilizado ao longo da minha memória). Ele argumenta que não há mais lógica continuarmos perpetuando um modelo no qual não tem mais embasamento e que pode ser considerado ultrapassado. Aborda as diferenças do século XXI, argumentando que a internet nos proporciona inúmeras possibilidades de construção do saber, e que a escola precisa perceber que o professor não é mais o detentor único do conhecimento. Ele foi professor e coordena, atualmente, uma instituição no estado de São Paulo, onde já não há mais turmas, provas, etc. Tem como grande inspiração a Escola da Ponte de Portugal.

Este grupo de trabalho do MEC busca iniciativas inovadoras pelo Brasil para se fazer um mapeamento dessas instituições escolares e não escolares. Feito o mapeamento, poderão propor políticas públicas que incentivem novos modelos como também darão visibilidade a essas instituições podendo se tornar exemplos de educação de qualidade. Além disso, podem ser firmadas parcerias entre esses estabelecimentos e Universidades oferecendo estágio para formação de estudantes de pedagogia e licenciaturas, como também, cursos de formação continuada para docentes da Secretaria, dentre outras coisas. Após essa entrevista tive que voltar a montagem para encaixar o material novo e continuar os ajustes.

No início queria montar um documentário de 58 minutos, que é o formato de Televisão, que tem sido o formato que tenho trabalho durante o meu estágio na TV Senado. O primeiro corte tinha 45 minutos. Paulino pediu duas versões, uma menor de 25 minutos e

outra com um tempo mais livre no qual poderia experimentar, utilizar mais músicas, espaços de silêncios, planos de crianças, escolas e com mais informações, tanto dos especialistas como dos professores.

Minha grande dificuldade durante a montagem foi encaixar tudo em um tempo de filme curta-metragem de 25 minutos. Acredito que era necessária uma explicação inicial para quem não está familiarizado com o tema, por isso optei entrevistar especialistas e iniciar o filme com essa introdução explicativa onde são apontados os problemas da educação convencional e a necessidade de uma mudança. Após isso, apresentar os professores da rede pública que realizam um trabalho diferenciado. E por fim, mostrar a associação *Vivendo e Aprendendo*, iniciativa escolar alternativa consolidada em Brasília. Finalizando com um sentimento de que existem caminhos possíveis para alcançar diversas escolas dos sonhos.

Quando consegui fazer os 45 minutos virarem 27 minutos fiquei animada com a ideia de uma versão menor, mas neste momento ainda não havia a entrevista com Helena Singer e Denis Plapler. Fiz uma espécie de teste de audiência para ver se o conteúdo estava interessante, claro e informativo. A maioria entendeu a proposta, um ou outro disse que algumas partes estavam confusas e deram sugestões de mudanças. O interessante foi ver que ficaram animados com a possibilidade de um novo tipo de escola e outros curiosos para conhecer a *Vivendo e Aprendendo*. Isso mostra que de alguma forma estava no caminho certo, o meu intuito é mostrar que outras formas são possíveis e, quem sabe, incentivar as pessoas lutarem por essa alternativa.

Com isso, acabei optando pela versão menor para o TCC, não desistindo da versão maior, por ter várias possibilidades para fazer posteriormente um longa-metragem sobre essa temática que me encanta. Podendo abordar não só ensino básico, mas também superior, como também conseguir mais entrevistados da Secretaria de Educação do DF e se possível professores que critiquem iniciativas alternativas e ofereçam um contraponto. Além disso, não menos importante, a visão dos pais sobre uma escola dos sonhos. Esta foi uma ideia inicial que ficou de lado neste momento após as mudanças necessárias para a atual versão do documentário, mas que fez falta quando assisto ao filme finalizado. Sinto que tem muito mais para ser falado e tenho como objetivo, ao terminar minha graduação, tornar este projeto experimental em um longa metragem.

Funções

Pesquisa, Roteiro e Produção:

Para iniciar o trabalho precisei desenvolver um roteiro prévio e para isso realizar uma pesquisa teórica sobre o tema e prática na busca por escolas e personagens. Foi um processo de grande crescimento pessoal, como dito anteriormente. Na pesquisa obtive conhecimentos novos acerca das diferentes iniciativas existentes no mundo afora além de algumas existentes no Brasil. O TCC me motivou a entrar no projeto de pesquisa e extensão Autonomia oferecido pela Faculdade de Educação e Instituto de Psicologia, onde discutimos atividades, organizamos a semana universitária, atividades com mães, estudantes e interessados na temática. Entre esses debates foi onde conheci e fui indicada a maior parte dos personagens dos filmes. Inclusive recomendada a *Vivendo e Aprendendo*, apesar de já conhecer a associação em 2012 quando fazia o curso de Pedagogia.

No momento inicial da pesquisa, durante o primeiro semestre de 2015, ainda no pré-projeto, visitei escolas como *Maria Montessori*, *Colégio Indi*, *Moara*, *Vivendo e Aprendendo*. Em cada instituição tive uma experiência diferente, ouvi aspectos interessantes e válidos sobre determinadas vertentes, por fim, conhecendo um pouco mais de cada um quando finalizada a pesquisa.

O roteiro foi sendo construído concomitante a essa pesquisa inicial, por isso passou por diversas modificações, apesar de que a linha lógica guiava todas as versões, apesar de ter sofrido muitas alterações em todo o processo, o roteiro serviu para me dar uma base na montagem. O primeiro corte que ficou com mais de 40 minutos seguia fielmente, na medida do possível, o roteiro. Somente após as orientações com professor Paulino e feedbacks dos “testes de audiência” que a linha mudou. Fiquei contente com a mudança.

Direção:

Como diretora eu tinha alguns planos em mente como o plano próximo nos olhos, boca ao descreverem sua escola dos sonhos. E decidi por duas câmeras, um plano médio e um plano mais próximo do entrevistado.

Preparei o roteiro de perguntas para cada entrevistado e decidi o que filmar durante a rotina. Durante as entrevistas me senti segura e estava bem flexível quanto as perguntas, usando o que o entrevistado trazia para seu depoimento. Tinha algumas questões chaves mas gostaria também de dar espaço para o que o personagem ou especialista tinha a acrescentar, pois acredito que está uma das riquezas do documentário, esse encontro com as pessoas, descobrir o que pode estar escondido e o que essa pessoa revela de si. Apesar do filme ter um viés mais informativo, também ressalta a experiências dos personagens.

Durante as filmagens nas rotinas não me senti tão segura, muita coisa acontece em uma sala de aula, muitas falas interessantes das crianças. Foi difícil capturar todas as coisas. Estávamos com duas câmeras, Julia e eu. Por isso, tínhamos um material bem variado nos permitindo fazer uma boa cobertura das atividades.

Meus pedidos como diretora eram filmar detalhes importantes que caracterizam aquela rotina, crianças que participavam das aulas, as atividades. Nos revezamos algumas vezes entre as duas câmeras.

Ao técnico de som, André Ribeiro ou Gustavo Menezes, dependendo do dia, disse a mesma coisa, as falas das crianças eram necessárias, assim como música tocadas e cantadas, e aspectos que evidenciavam o diferencial daquele ambiente, como momento da assembleia (Escola Classe) ou a roda de conversa inicial com as crianças (*Vivendo e Aprendendo*).

Edição:

Para mim, a edição foi o momento mais trabalhoso durante todo o processo, pois precisava assistir todo o material captado, aproximadamente 250 gigabytes e escolher pequenos trechos em várias horas de filmagem. Instalei programas que me auxiliariam nesse trabalho, como o PluralEyes que faz o *sync* do áudio com o vídeo. O Adobe Premiere foi o software que permitiu a montagem e até ajustes de áudio. Criei uma sequência do filme e subseqüências com cada especialista, escola e personagem. Selecionei em cada subseqüência os trechos mais importantes e depois os coloquei na seqüência principal.

Transcrevi alguns depoimentos dos especialistas no começo do processo, mas com o tempo, acabei não conseguindo acompanhar a cada gravação, por isso tive que assistir alguns depoimentos mais de uma vez.

Como dito anteriormente foi feito um primeiro corte de aproximadamente 43 minutos, em seguida, um corte de 29 minutos e por fim, o corte final de 27 minutos. Para se chegar a este tempo precisei diminuir substancialmente a parte inicial tanto a introdução como a parte dos especialistas e o trecho da Associação *Vivendo e Aprendendo* (tinha um tempo maior do que as outras experiências). No final, o tempo ficou mais equilibrado, variando entre 5 a 6 minutos cada experiência. A abertura que antes tinha 3 minutos, na versão final está com 1 minuto e 20 segundos. A parte dos especialistas antes ia para além dos 10 minutos, agora neste momento já temos a parte da Andressa Vieira. Cada experiência tem aproximadamente 5 minutos. Ficando um tempo bom para cada tema, não está cansativo, como de início, e consegue revelar as partes mais importantes de cada iniciativa.

Fiquei satisfeita com o resultado final e fico agradecida pelo feedback de todos que assistiram e fizeram comentários com os quais pude aprimorar até chegar no resultado final, no dia 11/11. A finalização para melhorar as transições entre cada corte entre planos foi auxiliada pela minha colega Luciana Menescal que já tem uma experiência maior com edição, passamos sete horas juntas arrumando pequenos detalhes, mas que fazem diferença no produto final. Fico grata com a ajuda da equipe, pessoas que também estão realizando seu trabalho de conclusão de curso e ainda assim me ajudaram em vários momentos, sendo parte fundamental para a realização e produção deste filme.

4. Conclusões

Como estudante de audiovisual acredito que o documentário é um instrumento em que seu realizador pode passar ao público o seu ponto de vista, de forma responsável por meio de pesquisa e senso ético sobre determinado assunto ou personagens. Visto que tem um comprometimento com uma causa e possui o objetivo de colher frutos positivos ao provocar discussões e reflexões acerca do objeto retratado. Por isso escolhi esta ferramenta para realizar meu trabalho final, pois é rico e contribui muito para estudantes em formação.

A possibilidade de realizar um documentário no meu último semestre de graduação em audiovisual foi enriquecedora, vivenciei funções que não havia executado anteriormente, como direção de produção. Aprendi muito, buscando, pesquisando. Senti que obtive um crescimento pessoal e profissional, pois, de início faltava pro atividade e coragem da minha parte. Recordo quando estava fazendo pré-projeto e a professora Dácia Ibiapina disse para não ter vergonha e “meter a cara” na produção, pedir entrevistas, questionar as pessoas e assim por diante. Quando engatei no processo, percebi o quão interessante é esse momento de pesquisa presencial, principalmente, conhecendo as pessoas. Além de toda a experiência ganha em produção de filmes, este trabalho me proporcionou maior aprendizado na área da Educação Inovadora graças à oportunidade de entrevistar diversos especialistas e pessoas que vivem aquilo que a teoria está dizendo.

Além de todo o crescimento pessoal, acredito que é um trabalho que pode interessar a público variado. Pretendo alcançar professores, pais, alunos de variadas idades com este filme. Pois a escola é de interesse de todos, pois em algum momento da vida irão ter contato com ela, o ideal é uma escola boa e de qualidade e se for um local onde o estudante queira estar, melhor ainda.

No início deste trabalho eu já acreditava no fato de que a escola precisa de muitas transformações para ser um ambiente no qual o aluno se sinta feliz, pois entendo que a escola deve ser um ambiente onde o educando se sinta à vontade e interessado em frequentá-lo. Para que isso aconteça, o estudante precisa ser levado em consideração, ou seja, é imprescindível dar atenção ao sujeito por inteiro. Entender que ele parte de uma história, um contexto social, emocional, psicológico. Ao compreender que há diferentes contextos e estudantes, a escola deve se tornar a mais inclusiva e interessada pelo aluno e seu processo de aprendizagem possível.

A pesquisa inicial revelou a necessidade de uma alternativa escolar e pública em Brasília, tendo em vista que professores da rede pública tem interesse em mudar sua prática, mas se veem completamente solitários e desamparados. Sendo imperativo um espaço comum onde esses professores com ideias similares possam trabalhar juntos fortalecidos, esse documentário pode ajudar nessa luta pela criação desse ambiente, ao colocar isto em debate.

Ao longo do trabalho, percebi que mais pessoas compartilham das mesmas angústias e anseios que eu. Acreditam em uma escola diferente. Concluo este semestre com a esperança de que nos próximos anos vamos presenciar mudanças e conquistas. E que Brasília poderá oferecer mais opções no âmbito escolar.

Ficarei contente se futuramente existir a possibilidade tanto para as famílias quanto para os professores de fazer parte de uma escola inovadora, alternativa ao modelo educacional convencional.

Caso venha trabalhar como pedagoga, quero que seja em uma instituição que tenha compromisso com o desenvolvimento da autonomia das crianças e adolescentes e na qual os professores tenham liberdade de trabalhar de forma variada com seus estudantes na medida em que esses métodos respeitem o tempo, o interesse e os sujeitos envolvidos.

5. Referências

5.1 Bibliográficas

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Editora Papirus, 2001.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 1. ed. São Paulo, Papirus, 2005.

CABRAL, João Francisco Pereira. "A educação no "Emílio" de Rousseau"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/filosofia/a-educacao-no-emilio-rousseau.htm>>. Acesso em 29 de setembro de 2015

FEYNMAN, R. Surely You're Joking, Mr. Feynman! Adventures of a Curious Character. Nova York: W. W. Norton & Company , 1997. Disponível em <http://buffman.net/ebooks/Richard_P_Feynman-Surely_Youre_Joking_Mr_Feynman_v5.pdf> . Acesso em 30 de outubro de 2015

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FROCHTENGARTEN, F. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho | Psicologia USP, São Paulo, janeiro/março, 2009, 20(1), 125-138

GALEANO, E. As palavras andantes. L&PM Editores, 1994.

GALLO, Silvio. Anarquismo e Educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. | Revista de Ciências Sociais, ISSN 0104-8015, n. 36 – abril de 2012 – p. 169-186.

GAUTHIER, C; TARDIF, M. A pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Rio de Janeiro, Vozes, 2013

MEC; UNICEF; CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Bairro-escola: passo-a-passo. Brasil: MEC, 2007. Disponível em < www.unicef.org/brazil/pt/bairro_escola.pdf.> Acesso em 01/11/2015

PACHECO, J. Aprender em comunidade / José Pacheco. -- 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2014.

RABIGER, M. Direção de cinema: Técnicas e Estética. Elsevier, 2007.

RAMOS, F. P. O Que É Documentário In: Estudos de Cinema 2000 / Socine Ed. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 192-207.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. 34. ed. rev. Campinas, Autores Associados, 2001. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5). p.94

TEIXEIRA, A. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.38, n.87, jul./set. 1962. p.21-33. Disponível em <www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/uma.html> Acesso em: 28/09/2015

VARGAS, Revista Didática Sistêmica, ISSN 1809-3108, Volume 6, julho a dezembro de 2007, p. 81-106.

Westbrook, Robert B.; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). John Dewey. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010

5.2 Filmográficas

LA EDUCACIÓN PROHIBIDA. Direção de Germán Doin. Argentina, 2012

PRO DIA NASCER FELIZ. Direção de João Jardim. Brasil, 2007.

QUANDO SINTO QUE JÁ SEI. Direção de Antônio Sagrado, Anderson Lima e Raul Perez. Brasil, 2014

A ESCOLA IDEAL- o papel do professor - Rubem Alves, Revista Digital

<<https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU#t=15>> acessado em 17/08/2015.

5.3 Website

Associação Vivendo e Aprendendo. Disponível em <<http://vivendoeaprendendo.org.br/>>
Acesso em 15/06/2015

A.S Summerhill. Disponível em <<http://www.summerhillschool.co.uk/about.php>> Acesso em : 11/10/2015

Escolas Experimentais Argentinas. Disponível em
<http://wiki.reevo.org/w/Escuelas_Experimentales_de_Argentina#1958-1984:_Inicios>
acesso em 26/09/2015

LOPES, João Maria. *Escolas que questionam o sistema e dão a cada aluno o seu tempo* .
Disponível em <<http://www.osaprendizes.pt/Ficheiros.ashx?i=14177>> Acesso em :
24/11/2014

6. Anexos e Apêndices

Sinopse

Professores e crianças contam como seria sua escola dos sonhos. Partindo disto, são discutidos os problemas da educação tradicional e as alternativas que existem de modelos pedagógicos libertadores através de uma associação educativa de Brasília e profissionais da educação básica que adotam formas inovadoras ao educar.

Argumento

Professoras e professores da rede de ensino básico sonham com uma escola ideal e nos contam como ela seria. A partir disso, é discutido as problemáticas do modelo atual educacional. E a partir das aflições desses professores, peças cruciais desse sistema, eles nos levam a conhecer um pouco de seu cotidiano em sala. Estes professores, no entanto, tentam de alguma forma resistir e dar mais significância para eles e para seus alunos em suas atividades rotineiras. Cada um faz a sua maneira, mas o importante é perceber que há professores que buscam desviar e resistir ao sistema hegemônico escolar.

Cronograma

x	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Pesquisa	x	X	x	X					
Visita as escolas			x	X	x				
Filmagens						x	x		
Montagem							x		
Finalização							x	x	
Exibição									x

Equipe

Direção, produção e montagem: Ana Carolina Resende

Assistente de produção: Débora de Marilac

Direção de fotografia: Julia Rangel

Técnico de Som: André Ribeiro, Martha Carvalho e Gustavo Menezes

Entrevistados

Professora Claudia Dansa – Faculdade de Educação -UnB

Professora Simone Lima – Faculdade de Psicologia - UnB

Professora Fátima Vidal- Faculdade de Educação –UnB

Professor José Pacheco – idealizador da Escola da Ponte em Portugal

Professor António Quaresma – Professor do MEC de Portugal

Helena Singer – Assessora do Ministro da Educação

Denis Plapler – Consultor da UNESCO para o MEC

Professores da Vivendo e Aprendendo – Diogo, Hayla e Mateus

Professora Andressa Vieira – Escola Classe Jardim Botânico

Professor Mateus Fernandes – Escola Classe Boqueirão

Questões Norteadoras para as entrevistas

- Modelo Tradicional de Educação

O que motiva os alunos na sala de aula?

Aulas expositivas são realmente a melhor forma para absorção de conteúdo por parte dos alunos?

Quais problemas existentes no modelo atual de educação?

Por que ainda insistimos nesse modelo tradicional e antigo de Escola?

Por que existe tanta resistência em mudanças?

- Necessidade de mudança e alternativas ao modelo tradicional

Existem escolas no DF que buscam modelos alternativos de educação?

Escolas alternativas existem em Brasília. Quais são? Seus resultados? O que alunos, pais, professores e estudiosos acham delas?

Quais modelos alternativos existem pelo mundo?

Qual a postura do MEC, Secretaria de Educação e Conselho Nacional de Educação em relação à metodologia tradicional e às alternativas existentes pelo mundo?

Quais as dificuldades e resistências existentes para criação de políticas públicas e incentivos para novas formas de educar. E o que acontece no caminho entre propostas, políticas públicas e a realização?

Escaleta

Cena	Descrição
1	Cinco crianças de variadas idades falam como seria a escola de seus sonhos.
2	Cinco professores falam da escola ideal em que gostariam de trabalhar.
3	Especialistas falam da necessidade de mudança nas formas de ensino.
4	Apresentando escola 1
5	Apresentando escola 2
6	Apresentando escola 3
7	Problematização com especialistas e educadores sobre as escolas de Brasília e a falta de opção de instituições que se propor a serem libertadoras.
8	Problematização com especialistas e educadores sobre a necessidade de um movimento pela educação no Brasil.
9	Problematização dentro dos cursos superiores.
10	Crianças falam da escola dos sonhos. Animação ou imagens de uma escola “alternativa” diferente.

Roteiro de Intenções Original (10/06/2015)

EXTERNA - DIA

Cinco crianças de variadas idades falam como seria a escola de seus sonhos. As crianças sentadas em uma roda, documentarista senta com elas e pergunta como seria a escola dos seus sonhos. Crianças respondem individualmente.

INT. SALA DE AULA - DIA

Cinco educadores falam da escola ideal em que gostariam de trabalhar. Como enxergam a ideia de uma iniciativa com uma pedagogia libertadora. Professores de escolas tradicionais e de escolas consideradas inovadoras. Todos os níveis: infantil, fundamental e médio.

INT. SALA DE AULA - DIA

Um especialista fala da necessidade de mudança nas formas de ensino, explicando os problemas existentes no sistema hegemônico de educação.

INT. COLEGIO INDI - DIA

Apresentando o colégio INDI, imagens do pátio principal, o jardim interno, as salas de aula da educação infantil e as de ensino médio. Três alunos e dois professores partilham sua visão sobre essa escola. Imagens de arquivo da instituição e imagens do cotidiano, alunos fazendo experiências, jogando jogos, professores auxiliando irão compor a cena enquanto alunos e professores dão a entrevista.

EXT. VIVENDO E APRENDENDO - DIA

Apresentando a associação mostrando as casinhas coloridas onde são as aulas, a área verde, as árvores, crianças brincando e correndo livremente pelo espaço. Imagens do cotidiano. Três alunos contam sobre essa escola e dois professores contam como é o trabalho. Imagens de arquivo e imagens captadas pela equipe serão montadas alternadamente para que não fique apenas nas pessoas entrevistadas.

INT. ESCOLA MOARA – DIA

Apresentando escola, salas de aula, parquinho, espaços em comum. Imagens do cotidiano. Três alunos contam sobre essa escola e dois professores contam como o trabalho. Imagens de arquivo e imagens captadas pela equipe serão montadas alternadamente para que não fique apenas nas pessoas entrevistadas.

EXTERNA - DIA

Um especialista em educação problematiza sobre as escolas de Brasília e a falta de opção.

INT. SALA DE AULA- DIA

José Pacheco argumenta sobre a necessidade de um movimento pela educação no Brasil, explica os problemas da educação tradicional, conta sobre a Escola da Ponte em Portugal e o Projeto Âncora em SP. Material de vídeos caseiros, imagens de arquivo devem ilustrar a escola da ponte e projeto Âncora.

EXT. FE UNB- DIA

Três professoras da UnB, Claudia Dansa, Alexandra e Simone Lima discutem sobre os cursos superiores, as dificuldades encontradas para discutir sobre pedagogias libertadoras até mesmo como prática dos próprios professores. Alunos e professores opinando sobre o curso. Discussão sobre a necessidade de pós, mestrado e doutorado para professores de educação básica.

EXT. PARQUE DA CIDADE - DIA

Animação: Ouvimos a escola dos sonhos sendo contada pelas crianças através do áudio e vemos por meio de animação essa alternativa se construindo a partir das características apresentadas pelas crianças.

Transcrições

Claudia Dansa, António Quaresma e José Pacheco

CLAUDIA DANSA

São várias as questões que dizem respeito porque as escolas não colocam as praticas inovadoras no seu dia a dia, tem uma questão cultural, uma mudança cultural é sempre difícil, a gente vem com uma escola quase medieval, mas é segura. As pessoas se sentem seguras, embora muitas vezes não sabem porque estão estudando do jeito que estão, mas elas se sentem seguras porque aprenderam assim e tudo que é novo gera medo, tem um risco. E você precisa pegar o espirito da coisa, é preciso que haja uma formação, que elas (02:00) vivenciem isso em outros espaços que não foi o cotidiano do seu estudo. Do ponto de vista dos professores é um desafio, é um risco e nem todo os professores querem arriscar. No ponto de vista do estado, das empresas, as escolas tem uma abertura para as mudanças , mas no fundo, o estado não tem a prática desenvolvida no aspecto de acompanhamento e de apoio as escolas. Seria também correr riscos, e essa escola serve a um determinado propósito, hoje a gente tem um mundo onde o centro é a economia, tecnologia, desigualdade social em que o trabalho é tecnico, então, o “encantamento” pela questão tecnica tecnológica configura um padrão de educação e esse mesmo padrão tem mais vínculo com o mercado e com a sociedade. A educação inovadora ela faz com que as pessoas questionem “quem sou eu, o que eu to fazendo aqui, porque existe essa desigualdade, porque pra um é assim e pro outro não é” Quando você traz para dentro da escola a inovação tecnologica, os computadores, os I pads, isso não muda a característica adaptativa do ensino, ele só traz o material. E mais fácil fazer esse tipo de inovação, interessa mais à industria, ao mercado ter um cara que saiba lidar com a tecnologia que hoje é importante, mas esse cara não ai entrar na subjetividade que é o problema que enfrentamos. Por isso a inovação é “apertada”, processo social, cultural, as escolas públicas tem mais dificuldades em trabalhar nisso. Tem a cultura dos pais, porque mesmo a família não tem segurança de que essa criança vai ter um futuro bom se não colocarem na escola “padrão” Existe uma insegurança cultural e são poucas as famílias que ousam.

Temos grupos de pessoas que se interessam, se identificam por essa temática e que trabalham juntos pra inserir esse elemento na formação dos pedagogos. Também apoiam escolas com propostas alternativas, é um grupo pequeno. Pelos mesmos motivos que falei mais cedo. E a

universidade é muito ampla, a forma como as pessoas enxergam a educação é múltipla, tem conjunto de pessoas que tem vínculo com a educação tradicional, tecnicista, formadora de trabalhadores com o jeito de trabalho capitalista. E tem as pessoas que pensam de maneira oposta, que pensam em uma transformação social, revolucionaria que tem esse viés de ver uma emancipação social, mas mesmo pra essas pessoas a questão da subjetividade é essencial. Elas trabalham com pedagogias libertadoras mas se colocam com desconfianças com outras pedagogias também libertadoras, isso causa conflito entre os grupos. O grupo que tem centralidade no sujeito, no aluno, ou o grupo que tem a centralidade em transformação social, outro grupo que tem visão mais tradicional e outros grupos, não existe um consenso. As pedagogias “escola nova” sempre são bem vistas pelos pedagogos socialistas.. então tem esses conflitos e acaba que é um grupo pequeno. Acaba que os grupos ficam pulverizados, você vai fazer um currículo e ele se torna um espaço de disputa, esse currículo vai variar de tempos em tempos, uma hora ele vai estar mais ligado ao aluno conhecer essa linha de escola nova, outras vezes vai levar mais para o caminho socialista, para o caminho tecnicista e outros caminhos da pedagogia. Você não tem um consenso e a indústria que fala como vai ser. E essas pedagogias alternativas, que são voltadas para o sujeito, para a autonomia estão começando a entrar em diálogo com as outras mas não tem o chão firme. Não é um consenso entre as pessoas em o que é a autonomia, mas a gente trabalha muito com essa perspectiva do Freire, de uma autonomia que esse sujeito é capaz de desenvolver um pensamento próprio, uma forma de lidar com o mundo, de pensar e agir de forma própria e pra isso ele precisa desenvolver uma capacidade critica, que seja capaz de pesquisar, ler, pensar e fazer escolhas, suas responsabilidades, autonomia é isso, ser um sujeito independente e “adequado”. Ele tem que fazer suas escolhas e ter os elementos que possibilitem que eles façam essas escolhas e que essas escolhas coloquem ele em uma posição no mundo.

Os professores tem suas ações pontuais nos seus espaços e eles se juntarem com uma mesma visão de mundo, uma mesma visão pedagógica dentro da escola pública é muito difícil, na escola privada, se ela é uma empresa não existe menor possibilidade, se ela tem uma linha pedagógica, costuma ser muito caro. Na escola pública, o Brasil tem uma característica de controle do estado sobre a educação, ele controla os processos, controla os conteúdos, o método, as linhas pedagógicas das propostas são de fora. Ele se coloca como sujeito, quando assume o processo de controlar a educação, o estado não media setores, grupos sociais, ele dá uma linha. E quando dá um outra linha, parece ser uma competição. é muito difícil abrir um espaço inovador dentro das propostas do estados, mesmo a proposta curricular, os

princípios e os valores não sendo diferentes, mas é como se fosse uma competição. O estado não dá uma abertura porque ele já tem uma proposta e o controle é importante. E se abre pra um, abre pra todos, e aí perde o controle, o controle da educação está na proposta pedagógica, curricular que condiciona o sentido da educação. E é muito forte. Acho uma imaturidade política. Então as pessoas optam muito mais por fechar na sua linha do que abrir, por outro lado, uma coisa de Brasília, mas a cultura a brasiliense, de como os professores se movem de uma escola para outra, que foi o sindicato que foi construindo essa imagem, ela não tem muito a ver com a ideologia pedagógica das pessoas, e sim se é o cara mais velho então tem direito de ver aonde vai trabalhar, se é mais novo, não pode escolher. Uma escolha que não tem caráter pedagógico e ela se estabeleceu como uma norma, uma regra, e para desfazer isso tem que “rebolar muito” e como o estado não tem nenhuma boa vontade por conta do controle, é mais difícil ainda já que a própria cultura não ajuda. É uma cultura individualista, e não do coletivo. E o agrupamento não é uma coisa que acontece com facilidade. Eu acompanho um que não conseguem um espaço. Todo mundo acha o projeto bom, mas na hora de implementar, todas as dificuldades aparecem no campo administrativo, burocrático, jurídico que é aonde a sociedade se conserva. Onde ela não deixa abertura para mudança. E tem o Projeto Autonomia, com a escola Ponte tá tentando buscar um espaço dentro da escola pública e ter o trabalho reconhecido como uma linha pedagógica e está tendo muita dificuldade. Assim como o vivendo e aprendendo. E mesmo com tanto tempo não consegue passar da pré-escola pelas dificuldades que existem para ela se legalizar como uma escola e não consegue juntar com a escola pública com a dificuldade que existe de fazer essa abertura para essas vertentes inovadoras. É triste, você deixa de viver coisas que seriam muito boas para os alunos. E aí você tem que buscar essas alternativas em outros lugares. Existe essa dificuldade porque a cultura na educação é cultura do medo. Quando você fala de inovação as pessoas já te olham desconfiados. A educação tem o poder de mudar. Não é uma coisa tranquila, mas ao longo prazo todo mundo vai estar com a qualidade de vida melhor, você vai viver em um lugar aonde as pessoas estão bem consigo mesmas, mas a história do Brasil seguiu outro caminho. Muito difícil criar essa abertura, tem que lutar muito.

O fato do MEC está se interessando por essa temática, essa alternativa. A própria constatação da pátria educadora de que o problema é o pensamento é uma maneira muito grosseira de dizer que as pessoas não aprendem pensar, mas no fundo essa falta de autonomia está sendo sentida agora como causadora de uma expressão política fraca, muito sem consistência. Então de repente as pessoas percebem que a autonomia é uma coisa

importante pra cidadania e que essa cidadania não pode ser fingida, ela tem que ser autêntica e a autonomia tem que ser autêntica, e quais são os caminhos educativos para esse percurso , então é bom que o MEC esteja trabalhando nessa perspectiva. O estado ele abre na medida em que a sociedade que se organiza pra que ele abra, então eu acredito em movimento social em desencadeador dos processos. Eu tenho trabalho com a educação do campo e tenho visto isso dentro das práticas da educação do campo, que é uma prática inovadora. É um repensar de como é uma escola do campo, feita para um agricultor que vive e quer continuar vivendo lá, várias questões. Acho que a educação do campo abriu várias portas, porque existiu uma força de um movimento social que estava não só refletindo, mas buscando parcerias, fazendo barulho, até que o MEC também se interessou e se colocou mais disponível com seus programas, projetos pra que essa educação fosse ao menos experimentada e validada. É mais difícil esperar que em um país onde a educação não é tão valorizada que as pessoas busquem e se movimentem pra fazer uma educação inovadora. Antes de tudo elas querem alguma educação e até estão tendo sucesso. Mas agora que estão tendo educação, estão vendo que talvez precise sim de alternativas pra essa educação. Esse é um momento bom pra quem tá entrando nesse diálogo, tanto quando nos órgãos políticos como a sociedade e trazendo as pessoas para a simpatia desses movimentos para que elas somem e que tenham força política para exigir que haja essa abertura. Que passe por uma gestão colegiada da escola entre pais e professores para que se decida que educação se quer para essa criança. Isso não é o papel só do estado, do governo, dos especialistas, isso é a base social que dá essa segurança para a mudança, é bom porque há mais espaço para se fazer esse debate, quanto mais espaço, melhor.

ANTÓNIO QUARESMA COELHO

A mudança na educação é algo que de fato é fundamental, nós vivemos em uma sociedade em que tem característica completamente diferentes da sociedade do séc. IX, XX. Que foi com base naquelas características que a escola pública surgiu e toda concessão do que é o ato educativo passava por uma ligação chamada transmissão de conhecimentos. Portanto a escola da revolução industrial surge de princípios muito vinculados, tem uma fábrica, onde todos estão alinhados e o conhecimento é transmitido, para que todos aprendam ao mesmo tempo, da mesma forma e os mesmos conteúdos. O princípio da fábrica estava aplicado à escola, era visto como uma escola civilizada, em turmas, em horários e em sinais. Os sinais significavam que mudavam os trabalhadores do turno. Então as escolas tinham

uma justificação, e até podemos dizer que era uma justificação correta, porque os donos do conhecimentos eram os professores, o conhecimento, o excesso, o poder estavam em um número pequeno de professores. A maioria dos cidadãos não sabiam ler nem escrever, a taxa de analfabetismo era alta e o acesso a cultura era algo reservado para um determinada classe social, por isso a transmissão do conhecimento justificava que a escola era daquela forma. A escola do séc. XXI é muito diferente, a sociedade é a sociedade da informação e conhecimento, o que significa que hoje a informação está acessível para todos nós assim como o conhecimento, portanto o professor que foi formado com os princípios da escolástica, deixou de ser “necessário”, com as características dos tempos atuais viu sua posição social ser desvalorizada, professor era o detentor do conhecimento da sociedade, nesse momento eles não precisam transmitir conhecimento porque o conhecimento está acessível a todos. Podemos ver que o nível de conhecimento e de qualificação das famílias subiu substancialmente. Por outro lado, temos o doutor Google, que é uma ferramenta de informação. Se um professor entrar na sala de aula e começar a transmitir conhecimento, o que vai acontecer é que os alunos vão ficar indisciplinados, descontentes e não vai ter sucesso. Porque hoje em dia ninguém tem paciência de ficar em uma sala de aula em fileiras ouvindo uma pessoa dar conteúdos que não interessam a maior parte deles. O professor tem que redefinir a sua posição na aula. E a escola tem que mudar, redefinir seus paradigmas, onde a auto aprendizagem é fundamental, aonde o professor pare de transmitir conhecimento, e seja um mediador de aprendizagem, onde cria conhecimento com o aluno, não para os alunos. Os alunos deixam de ser alunos e os professores deixam de ser professores, e a questão das palavras é importante, o professor hoje em dia não é um professor, e sim um educador, e o aluno não é aluno, é um educando. É uma comunidade, alarga se para os pais, para a comunidade e para a escola. É importante entendermos o que é escola, ela tem que deixar de ser um local de 4 paredes, aonde se processa conhecimento. Ela tem que ser um espaço comunitário e passar a ser todos os locais que eu posso encontrar o conhecimento. Essa é uma outra dimensão da escola, que precisa de uma outra dimensão de professor e de um ato educativo, que é uma criação de comunidades de aprendizagem. Comunidades de aprendizagem compostas por educadores, pais, engenheiros, educandos, arquitetos, engenheiros, para todas as pessoas que podem contribuir para o ato educativo (

JOSÉ PACHECO - entrevista para o projeto Gaia no qual estava fazendo o vídeo da iniciativa.

O Gaia escola é uma prova de que existe uma parte saudável na educação brasileira, são educadores anônimos, que não desistem de fazer dos jovens seres mais sábios e felizes, o Brasil tem tudo que precisa e por vários caminhos, essas pessoas que se viram para aprender umas com as outras vão criar alternativas a essa escola que temos, geradora de infelicidade, doença, insegurança. Mas com paciência, com o potencial, vão reinventar uma nova escola, vão criar comunidades de aprendizagem e isso com muita responsabilidade, concretizando os projetos, cumprindo as leis, os planos nacionais, municipais, são pessoas frágeis, mas fortes quando juntas. E com o poder público, com a população, vai levar o Brasil pra um caminho melhor. O GAIA é isso, um grupo de pessoas que decidiram não ficar paradas, com humildade, estudo, envolvimento, creio que dentro de uns 20 anos teremos o que o Brasil pode ter, mas desde já, teremos dado o primeiro passo.

Nós praticamos na formação uma espécie de transformação, nós já somos, antes de envolver com a comunidade, nós já somos comunidade, o fato de um professor não conseguir dar uma verba para se envolver nesse projeto, que isso não seja impedimento para que ele participe, nós partilhamos já de forma econômica, do modo prático, do modo solidário, inventando modos para que esses professores que possuem poucos recursos participem e podem participar com seus talentos, suas vontades de ajudar, não entendemos o dinheiro, entendemos o esforço comum. Essa é a transformação, como já dizia Mahatma Gandhi, “seja você, a mudança que quer ver no mundo”. A solidariedade não é algo escrito nos projetos, é algo que vivenciamos cotidianamente.

Eu observo no Brasil algo que eu presenciei em Portugal, os professores tem consciência que esse modelo de escola não ensina, não educa, compreende que é um bom profissional, mas que por mais esforço que faça, nem todos os alunos aprendem mas quase sempre ignoram a origem dessa escola, ela tem origem na Prússia militar, na revolução industrial da Inglaterra, ela tem fundamento filosófico do séc. XVII, emerge como escola moderna do séc. XIX. Quando o professor toma consciência de que esse modelo não serve, mas é o que está aí. Quando o professor entende que as pessoas pensam que escola tem que ser essa e que sempre foi assim, eles tem uma dupla reação, ou encaram realmente a ansiedade de mudança ou ficam na sua zona de conforto. Eu gosto de trabalhar com os que tem responsabilidade, respeito com a criança, o aluno não é uma cobaia de laboratório, merecem respeito. Eu vou com esses professores. Que querem mudar esse paradigma e começam um caminho de transformação. Por isso acredito que o Brasil tem tudo que precisa. Tem professores mal pagos, mas que querem melhorar, também tem muitos doentes na fila da psiquiatria, porque

a vida na escola não é fácil. Mas prefiro pensar nos que não se deixam adoecer. E temos muitos aqui e muitos por aí. Então temos todas as razões para ser esperançosos.

Eu tenho por hábito dizer que o problema da educação é a universidade. A universidade brasileira tem excelentes professores, o que eu peço é que eles estejam atentos ao que está acontecendo em algumas escolas e que faça uma ligação entre universidade e escolas para que os professores que começaram com o processo de transformação, social, pessoa, aprendam com essas pessoas, e que ajudem também, a fundamentar cientificamente suas práticas. Quando o professor enfrentar uma dificuldade. Ele precisa de uma referência, um livro, uma pessoa, a internet. Eu espero que esses dois mundos que não se comunicam.. comecem a colaborar, a universidade, a escola e o poder público. Então aí sim teremos realmente melhores condições. E teremos uma diretriz que não considera o professor como um objeto, e sim como um sujeito de transformação.

Carta de Apresentação

Venho por meio desta apresentar meu trabalho de conclusão de curso em Audiovisual. Sou Ana Carolina Resende Leite, matrícula 13/0151068, do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília. Para diplomação do curso será realizado um documentário sobre Educação inovadora e práticas existentes em Brasília sob orientação do Professor Fernando Oliveira Paulino.

Primeiramente, serão escolhidos os possíveis entrevistados (pesquisadores, profissionais da educação, alunos, pais) e escolas com práticas inovadoras que servirão de ilustração e explicação sobre novos modelos de ensino por meio de visitas e conversas informais sem equipe de filmagem para estabelecer esse vínculo inicial.

Este primeiro contato é de grande importância para firmar um compromisso das duas partes nesta pesquisa e, por fim, nas filmagens para o produto final. Será de suma importância a participação de agentes envolvidos em práticas de cunho inovador para que o documentário seja bem ilustrado e embasado por meio de experiências com pessoas reais.

O documentário começa com crianças falando sobre sua escola dos sonhos. Após isto, profissionais e pesquisadores de educação também compartilham seu ponto de vista. Por fim, colégios, grupos e associações em Brasília que adotam e lutam por uma educação diferenciada - onde o aluno é o centro de seu aprendizado sendo um ser autônomo, ativo e crítico - servirão de exemplo e ilustração de alternativas pedagógicas.

Desde já agradeço a colaboração e fico disponível para qualquer dúvida,

Contato: (61) 81264276

Ana Carolina R. Leite

Prof. Fernando Oliveira Paulino

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO
USO DE IMAGEM , VOZ E NOME
Responsável Legal**

Pelo presente instrumento particular, eu, _____, portador do CPF N° _____, responsável por _____, autorizo Ana Carolina Resende Leite, portadora do CPF N°036264781-06, a utilizar, em seu documentário, derivado do projeto de conclusão de curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília, a imagem, voz e nome de _____ gravados em depoimentos ou filmagens realizadas no ambiente escolar. Do mesmo modo, está autorizada a difusão e exibição do produto final em festivais de cinema, internet, escolas e universidades.

Brasília, _____ de _____ de 2015

Assinatura: _____

Telefones para contato: _____

E-mail para contato: _____

AUTORIZAÇÃO

(uso de imagem, voz e nome)

Pelo presente instrumento particular, eu, _____, residente e domiciliado na _____, Cidade: _____ CEP: _____ - _____, portador do CPF N° _____ - _____, e da Cédula de Identidade N° _____, Órgão Expedidor: _____, autorizo Ana Carolina Resende Leite, portadora do CPF N°0236264781-6, a utilizar, em seu documentário, derivado do projeto de conclusão de curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília, minha imagem, voz e nome, gravados em entrevistas, depoimentos e filmagens realizadas na escola. Do mesmo modo, está autorizada a difusão e exibição do produto final em festivais de cinema, internet, escolas e universidades.

Brasília, _____ de _____ de 2015

Assinatura: _____

Telefones para contato: _____

E-mail para contato: _____